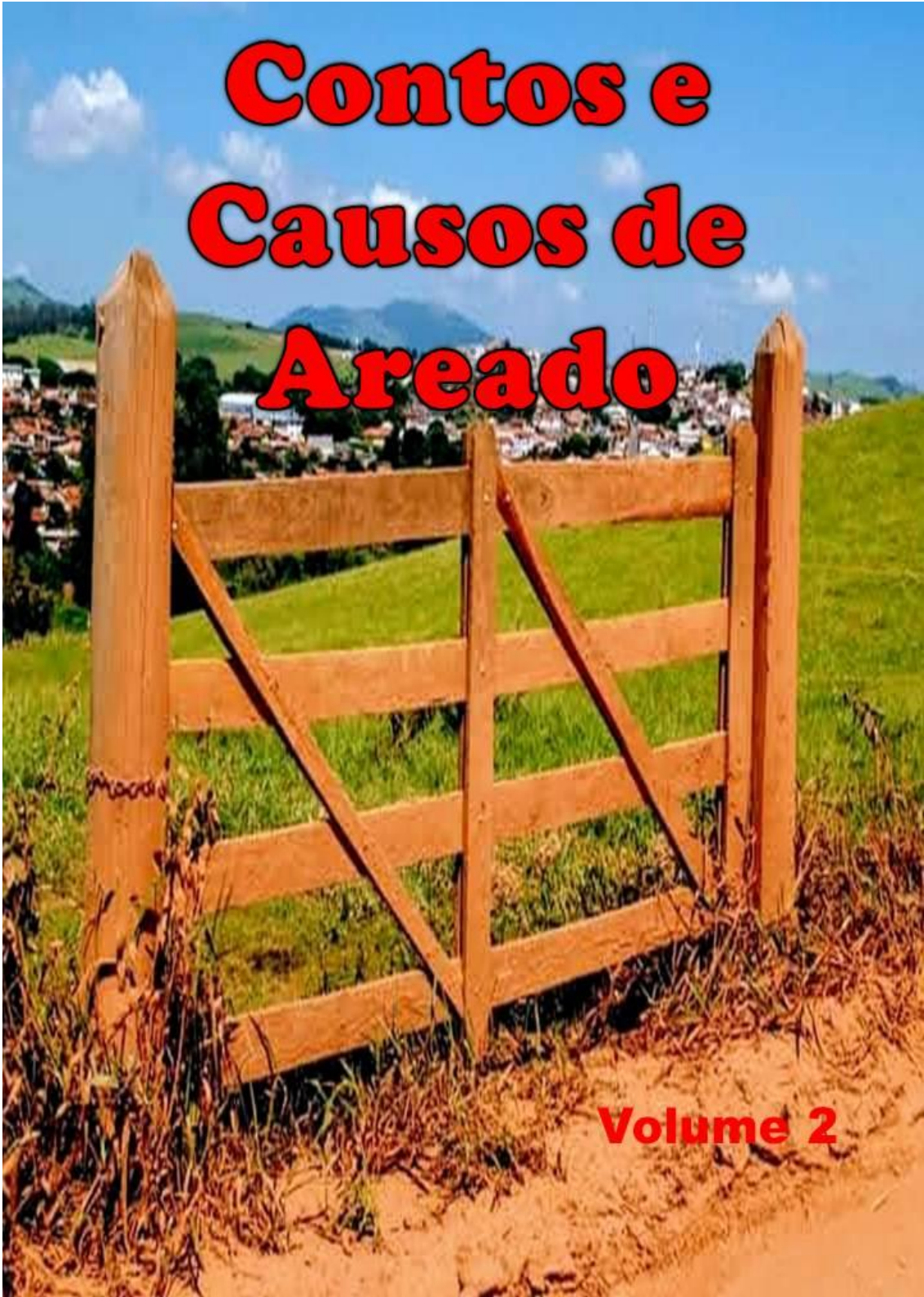


The background image is a photograph of a wooden gate in a green field. The gate is made of light-colored wood and is partially open. In the background, there is a town with many houses and a few mountains under a blue sky with some clouds. The title 'Contos e Causos de Areado' is written in large, bold, red letters with a black outline, centered over the top half of the image.

Contos e Causos de Areado

Volume 2

Contos e Causos de Areado

Volume 2

Coletânea de histórias reais e do imaginário local, contadas pelos antepassados, da nossa cidade, de construções centenárias, de personagens marcantes que aqui viveram, de acontecimentos reais, fictícios e inusitados, da vivência do nosso povo, assim como suas tradições e crenças, ouvidas ao redor dos fogões de lenha e nas varandas das casas...

Em comemoração ao Centenário de Emancipação
Político-Administrativa de Areado
2025

---- Distribuição gratuita ----



PREFEITURA MUNICIPAL DE
AREADO
Governo consciente, gestão eficiente!



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA E TURISMO
PREFEITURA DE AREADO



ÍNDICE

O relógio da Matriz	05
A praga do padre	06
Fingindo de morto	08
A guia	09
A sabedoria do burro	10
O batizado	11
A carona	12
Embarque na história	13
O bebê e o “gatinho”	15
A caça de tatus	17
Cobras no porão	19
“Causos” de cobra	21
Areado e a política	23
Acredita?	25
Construindo a fé	26
Entrando pelo cano	29
Tiro ao “alvo”	30
Porteira das almas	31
Coreia	33
Vamos falar de política?	34
Histórias de futebol	36
Bataclan	37
Conversa de capiaus	38
O curandeiro João Ruela	39
A árvore que “chorava”	42
“Causos” da Sapataria do Barbatana	44
O Bloco do Zé Bolinha	46
História de pescador	49
A arte de vender	50
Fumanchu e os queijos	53
Recordações	55
Quem fala o que quer, escuta o que não quer	56
Histórias de assombração da Severina	57
O homem prateado	65
Redemoinho fantasma	66
A velha e o cavalo	68

Medo de altura	70
A porcada do compadre	72
Conhecendo a morte	75
A perda do defunto	78
Tem dinheiro no Japão	80
Personagens folclóricos: Zezinho	83
Personagens folclóricos: João Mulato	84
Personagens folclóricos: Ismael Leopoldo	85
Personagens folclóricos: André Zebu	86
Personagens folclóricos: Pedro Firmino	88
Personagens folclóricos: Tiana	90
Personagens folclóricos: João Capituva	91
Personagens folclóricos: Rei Beú	92
Personagens folclóricos: Justianinho	93
Personagens folclóricos: Zé Lemes	94
Personagens folclóricos: Joaquim Grande	95
Personagens folclóricos: Zé Pereira	96
Personagens folclóricos: Seu Ica	97
Personagens folclóricos: Pio	98
Personagens folclóricos: Duvirge	99
Personagens folclóricos: Olegarinho	100
Tipos característicos da Areado antiga	102
O carro de bois	104
As Pastorinhas	105
A Banda	106
Viva a Banda!	107
Minha humilde, mas honrada gente	111
J.K. em Areado	113
Uma história de amor	115
Boteco do Evaristo	117
Os estranhos anos 2000	120
A casa do Vô Olavo	122
Hino de Areado	125
História de Areado	126
Por que o nome Areado?	127
Por que biscoiteiro?	127

O RELÓGIO DA MATRIZ

O relógio da matriz parou de funcionar. O pároco chamou o relojoeiro para verificar o defeito e lá no alto da torre, depois de subir uns cinquenta degraus de uma velha escada de madeira, constatou que teria de levá-lo para a sua oficina, pois lá não tinha a mínima condição de repará-lo. Mas, como carregar aquela enorme peça descendo por uma escada daquelas? E sozinho? Seria realmente impossível.

Foi então que o vigário teve a brilhante ideia de solicitar os préstimos de um paroquiano forte, pronto a prestar qualquer serviço. E lá foi ele fazer mais um ato de caridade.

Com um enorme sacrifício, desceu pela escada, segurando o relógio com uma mão e, com a outra, segurava firme nos degraus. Quando terminou de descer, pôs o relógio no chão e descansou um pouco, pois o peso da máquina era grande. Depois, colocou o pesado relógio nas costas, corpo curvado e rumou para a relojoaria.

Na porta do bar (Boteco do Evaristo), que ficava ao lado da igreja, estava um bêbado, já bem “mamado”. Quando viu o homem passando com aquele relojão nas costas, lascou:

- Ô, moço, larga de ser metido, home! Por que você não compra um relógio de “purso”?

A PRAGA DO PADRE

Conta-se que, há muitos anos, quando Areado ainda era uma vila e as estradas eram de terra batida, houve por aqui um padre muito severo. Havia também uma fazendeira muito rica e influente em toda a região e que fazia muitas doações à igreja. Essa “coronela” era viúva de um grande latifundiário, que tinha terras a perder de vista e uma multidão de empregados, porém, tinha uma filha única. A moça foi criada na regalia e todos tinham que fazer as suas vontades. Quando ela encasquetava com alguma coisa, todo mundo tinha que se virar para satisfazê-la. E a mãe a apoiava em tudo: a filha sempre tinha razão.

A filha da fazendeira, ainda bem novinha, arrumou um namoradinho, filho de um fazendeiro muito rico da região, e acabou se “perdendo” com o moço. E essa “perda”, por assim dizer, durou alguns meses, quando o moço se apaixonou por outra e não apareceu mais. A moça, que sempre teve suas vontades atendidas, agora estava passando por uma grande desilusão amorosa. E, para curar a “dor de cotovelo”, namorava todos os rapazinhos da vila; não importando se eram pobres ou ricos. A coitada caiu na boca do povo da vila e a “coronela” resolveu tomar uma atitude: ia arrumar um moço, a qualquer custo, para se casar com sua filha, mesmo que tivesse que lhe “comprar” um marido. E não demorou a aparecer quem se vendesse para se casar com a moça rica.

Alguns meses se passaram, a moça aceitou o plano da mãe: era melhor mesmo se casar, afinal, o noivo que a mãe lhe arrumara até que era bonito e jovem... corria o risco até dela se apaixonar... quem sabe?

Os pombinhos e a fazendeira, então, foram até a igreja para marcar o casamento. Mas, como todos sabiam da má-fama da moça, a história chegou também aos ouvidos do padre, que

disse que não iria fazer o casamento: imagina! Casar uma moça de má-conduta com um noivo comprado! O casamento é um sacramento sagrado e um casamento assim era até pecado!

A fazendeira, indignada com a negativa do padre, disse a ele que a filha iria se casar de qualquer jeito. Como era uma mulher muito influente e fazia grandes doações à igreja, usou disso para reclamar do padre ao bispo e pedir que o transferisse para outra paróquia, inventando situações para denegrir a imagem do padre junto ao bispo da arquidiocese. O bispo, temendo perder as doações, resolveu atender ao pedido da fazendeira e transferiu o padre.

Depois de alguns dias, o padre recebeu a notícia da transferência. Ele ficou muito chateado, pois gostava muito da Villa de Areado, estava bem estabilizado e acomodado, mas tinha que fazer suas malas para partir. Até enviou uma mensagem ao bispo para ver se revertia sua situação. Mas de nada adiantou. Enfurecido, o padre acomodou seus pertences no cavalo e partiu. Chegando lá no “alto da figueirona”, de onde tinha uma visão panorâmica da vila, o padre olhou para trás e lançou uma praga:

- Areado vai acabar num formigueiro!

Nunca mais ninguém viu o dito padre, mas, a julgar pela quantidade de formigas que existe por aqui, muitos dizem que é consequência da praga que ele lançou.

Ah, e a filha da fazendeira se casou? Casar, casou, mas não durou. E dizem que também foi praga do padre.

FINGINDO DE MORTO

Há anos, num Congresso de Teatrólogos, Plínio Marcos, autor de “Navalha na Carne”, falando sobre a baixa condição humana, bem colocada em termos de mundo massacrado pelo desamor, afirmou: “Às vezes é bom fingir de morto para ver quem vai ao enterro”.

E eu associo toda a vivência do homem à sentença que tem muito de sátira e muito mais de realidade.

Pois é, “às vezes é bom fingir de morto”. Quando se morre, é que os vícios são esquecidos e as qualidades, decantadas. Enquanto vivo, o homem é espezinhado, criticado, vítima do ódio (gratuito na maioria das vezes) e da inveja que solapa as raízes da moral alheia, e do maldizer que campeia de boca em boca.

“Às vezes é bom fingir de morto para ver quem vai ao enterro”. Fingindo de morto, a gente ouve os discursos e os cochichos que nunca ouviu em vida. É valorizado. Contado como exemplo. Ilusão falsa na falsidade da lágrima gasta.

O perigo é que a gente vai ver no enterro aqueles que viveram “de olho gordo” em nós. Vai ver uma confusão de saudade e apreensão. Saudade dos que lutaram ombro a ombro conosco. O sofrido dia a dia repartido e retribuído em dádiva honesta. E apreensão dos que espalharam maledicência. A presença deles não é a da solidariedade nas alegrias e nas dores. É apenas o cuidado da satisfação às leis sociais. Acho que a presença dos distribuidores da inveja é muito mais uma presença apreensiva, no medo de que se repita ali a ressurreição de Lázaro.

Quer-se a certeza de terra bem apisoada sobre o que brilhou mais e lhe causou inveja.

É, seria muito bom “fingir de morto para ver quem vai ao enterro”.

Eneida D’Ávila Figueiredo

A GUIA

Depois que o caminhão estava carregado, Pedro foi tirar a guia. Informaram-lhe que sem a mesma, não conseguiria transportar o feijão para o Paraná, onde o venderia a um conhecido.

Pedro achou que era chateação, uma vez que o feijão era seu mesmo. Porém, para evitar aborrecimentos, cumpriria a lei.

A viagem foi tranquila, a venda acertada com boa margem de lucro. Mas, pensando em ganhar mais alguns trocados, Pedro resolveu trazer nova carga. Iria voltar vazio mesmo. Então, comprou café, que lá estava mais barato, para revender aqui.

Quando o caminhão estava carregado, alguém o lembrou da guia.

- Guia? Pra quê? Já tenho esta aqui que tirei lá em Minas Gerais, para trazer o feijão.

- Mas... esta não serve...

- Não serve? Ah! Vai servir, nem que seja a força!

Lá pelo meio da viagem, um fiscal para o caminhão e pede a guia. Tranquilamente, Pedro apresenta o papel amarrotado que tirou do bolso.

- É feijão que você tem aí? – pergunta o fiscal depois de ler o papel.

- É.

- Quero ver. Suba e abra a lona.

Quando a lona foi aberta, o fiscal passa o canivete em uma das sacas e enche a mão com o café que cai. Nisso, Pedro se vira apontando um revólver e pergunta:

- Como é, moço? É feijão ou não é?

O fiscal, pálido de susto, olha da mão para a arma e responde:

- É. Do roxinho e dos bons!

A SABEDORIA DO BURRO

Jovens, recém-formados, especialistas em clima, tempo, solo etc, contratados pelo governo, percorriam o interior do país fazendo as mais diversas pesquisas.

Chegaram a uma fazenda no Sul de Minas Gerais em um dia quente e abafado. Enquanto tomavam um suco bem fresquinho e matavam a fome com biscoitos acabados de sair do forno, conversavam com o proprietário da fazenda:

- Aqui é sempre quente assim?

- Ah! Isso é, seu doutor.

- E as chuvas? – indagou um meteorologista.

- No tempo certo, sempre chove. Costuma cair cada tempestade de fazer medo, quando faz muito calor...

- É mesmo! Mas, por estes dias, apesar deste calorão, o senhor não precisa se preocupar. Nossos aparelhos de meteorologia não estão registrando nenhuma chuva – explicou o jovem.

- Aparelho de quê? – quis saber o dono da fazenda.

Cheio de entusiasmo, o rapaz expôs seus recentes conhecimentos e reafirmou a certeza da ausência de chuvas na região por, pelo menos, um mês.

Nisto, um barulho ensurdecedor tomou conta da casa.

- Que é isso? – quiseram saber os visitantes.

- É o meu burro que vem descendo o morro, urrando – e o homem vai até a varanda e grita seu empregado – Jacinto! Recolhe o feijão porque vai ter chuva e acho que é das bravas. O burro está avisando.

- Chuva? Não é possível! – argumentou um dos pesquisadores.

- Olha, seu moço, meu burro não falha...

Uma hora depois, na estrada, os moços comentavam e riam da ignorância e da credence do povo do interior.

De repente, começou a ventar e a escurecer o céu. Não demorou muito e a forte tempestade os obrigou a parar e se esconder. Enquanto se protegiam e a seus instrumentos de trabalho, alguém comentou:

- De chuva, mais sabe o burro do Sr. Jerônimo que todos os aparelhos de meteorologia do mundo!

O BATIZADO

Dizia meu avô que, se o roceiro, quando ia à cidade grande, era chamado de “caipira”, simplório e era facilmente tapeado, o morador da cidade, quando vinha para a roça era, antes de tudo, um “boboca”. Tem medo de cachorro, de vaca, de pinguela, pra não falar em cobra ou ganso! Acha tudo bonito, desde o mugido da vaca, o estrume do boi até a árvore seca.

O tempo passou. Chegou a TV, a Internet, a globalização, mas o homem continua o mesmo.

Numa primavera, uma turma de estudantes da capital foi visitar uma fazenda. Uma festa! Elogiaram tudo: a comida gostosa, o ar puro, o perfume do mato. Na ocasião, assistiram a um acontecimento inesquecível e inédito para eles: o nascimento de uma bezerrinha e sua tentativa de ficar de pé pela primeira vez. Estavam felizes, quando o fazendeiro, com muita hospitalidade, anunciou:

- Olhem, podem batizar a bezerra.

Após muita discussão, acompanhados com desdém pelos peões, escreveram em uma tabuinha o nome da recém-nascida e, com uma corda, amarraram-na ao pescoço da bezerra: “Spring Flower”. Traduziram para os empregados o nome: “Flor de Primavera”, e tentaram ensinar a todos a pronúncia correta.

Dois anos depois, o mesmo grupo voltou à fazenda para matar a saudade e comemorar a formatura.

Depois do delicioso almoço, o papo furado na varanda. Então, alguém se lembrou da “Spring Flower” e perguntou a um peão que estava sentado no último degrau da escada:

- O moço, cadê a Spring Flower?

- Pinga o quê?

- A Espringue Flauer, rapaz?

- Não tô entendendo...

- Aquela bezerrinha que nós batizamos, lembra? Faz dois anos. Cadê ela?

- Ah, agora já sei! A senhora tá falando é da “Tabuleta”, num é?

Ele apontou para a vaca no fundo do pasto que, ruminava, quem sabe, coisas da primavera.

A CARONA

Para cumprir a promessa feita a um velho amigo, João comprou um caixão para seu enterro. O pobre compadre não queria ser enterrado em cova rasa e nem ser levado para o cemitério no “caixão das almas” (caixão usado para empréstimo a quem a família não podia comprar um).

O transporte da urna, para a cidade onde morava o compadre, seria feito pelo caminhão de seu vizinho. Tudo arrumado no caminhão, com lágrimas de tristeza, já sentindo saudades do velho amigo, João despacha o caixão.

Logo que o caminhão entra na estrada, o céu, carregado de nuvens escuras, anuncia chuva forte. Poucos minutos depois, um homem à beira da estrada pede carona. O motorista para:

- Dá pra me levar até a próxima cidade? – pergunta o homem.

- Suba – disse o motorista – Terá boa companhia aí em cima.

O homem subiu e se deparou com o caixão na carroceria do caminhão, mas não se importou. De repente, desabou uma forte chuva e o homem falou ao caixão:

- Ih! Que chuva! Eu aqui, vivo, todo ensopado e você aí, morto, bem agasalhado...

Abrindo a tampa do caixão, o homem viu que estava vazio e resolveu se abrigar da chuva ali dentro.

Dali a pouco, um bando barulhento de jovens no meio da estrada acena pedindo ajuda. O motorista para e os jovens sobem na carroceria do caminhão. Eles veem o caixão ali e se acomodam o mais longe possível dele, fazendo os mais diversos comentários.

Logo, a chuva vai diminuindo, os trovões vão ficando distantes e a moçada começa a aceitar melhor a companhia da urna.

De repente, a tampa do caixão vai se levantando devagarinho e aparece uma mão, a seguir, o braço. Então, uma voz abafada vinda de dentro do caixão pergunta:

- Parou a chuva?

Em segundos, os jovens “voaram” por cima da carroceria, com o caminhão em movimento, caíram, rolando pela estrada barrenta, e gritavam:

- Que raios de carona é essa!?

EMBARQUE NA HISTÓRIA

Na época da fundação do Povoado São Sebastião de Areado (1823), o local era rota de comitivas que transportavam boiadas e de tropeiros. As pessoas percorriam pequenas e grandes distâncias no lombo de cavalos e mulas ou em carroças. O povoado foi crescendo e evoluindo e, com ele, também a forma de se locomover.

Até finais da década de 1920, a forma mais comum de locomoção era o trem. Ele foi a única forma de transporte coletivo por muitos anos. E a Estação de Areado, inaugurada em 04 de dezembro de 1908, era bem movimentada e contava com linhas para Três Corações/Cruzeiro, Jureia e até para Aparecida do Norte. Antes do surgimento dos veículos automotores, as pessoas tomavam o bonde de tração animal do Zé Bulheiro ou do Fileto Marcondes, que saía às 5 horas da manhã, para chegarem à Estação e pegarem o trem. Anos mais tarde, o Sr. José Romano, que tinha um jipe e trabalhava no correio, levava os passageiros, quando ia buscar as correspondências na Estação.

Em 1925, foi construída a primeira estrada para tráfego de automóveis em Areado e ligava a cidade à Estação de Areado. Porém, a primeira estrada intermunicipal foi inaugurada em 1929 e ligava Areado a Muzambinho.

A chegada do primeiro carro em Areado se deu no ano de 1929. Se tratava de um Ford Bigode 1929, adquirido pelo Maestro Nicanor Vieira. A aquisição foi comemorada pela população e contou com a presença até das autoridades da época. Todos faziam pose para tirar foto com o primeiro carro de Areado.

Os anos foram passando e as ruas e estradas foram ganhando pavimentação. O primeiro local a receber calçamento foi a Praça Henrique Vieira. O calçamento era de paralelepípedo,

que décadas mais tarde recebeu um revestimento de asfalto.

No final dos anos 40, início dos anos 50, surgiu o transporte coletivo feito pelas jardineiras e chega a Areado o Expresso Alterosa, que fazia a linha Alterosa/Alfenas. O condutor mais conhecido era o João da Melancia, com carteira de “chaupher”. O bar do Toninho Monteiro era o ponto de partida e chegada das jardineiras, uma espécie de rodoviária. Décadas mais tarde, em 1967, Areado ganhou uma rodoviária – e continua sendo no mesmo local até hoje. As linhas se expandiram e as empresas de ônibus também. Começou com a Avatur e a Presidente. Depois, surgiram Santa Cruz e Gardênia.

O BEBÊ E O “GATINHO”

Nos anos de 1950, 1960, havia as jardineiras que faziam o transporte de passageiros entre Alterosa e Alfenas, o “Expresso Alterosa”. Uma das jardineiras era conhecida como “Melancia” do Sr. João. Era chamada assim por ser verdinha como uma melancia. Sr. João era o motorista e ficou conhecido nas redondezas como “João da Melancia”. Todos os dias havia horários da jardineira para Alfenas e para Alterosa. As jardineiras partiam sempre lotadas.

Num certo dia, como outro qualquer, a Melancia do Sr. João chegou de Alterosa, no Bar do Toninho Monteiro, que era tipo uma rodoviária na época, para embarcar os passageiros com destino a Alfenas. A jardineira estava com os lugares quase todos ocupados e havia umas 10 pessoas para embarcar. Entre essas pessoas estava um casal com um bebê de colo. O povo da cidade era simples, mas educado. Então, os passageiros deixaram que o casal com a criança embarcasse primeiro para se acomodar nas poltronas ainda vazias. O casal, agradecido pela gentileza, subiu a bordo e procurou um lugar para se sentar. Como não havia poltronas juntas para se sentarem, a mulher com a criança no colo sentou-se mais à frente e o marido sentou mais atrás, do outro lado. Embarque feito e Sr. João tocou a Melancia para Alfenas.

Naquele tempo, os homens costumavam andar com um canivete na bainha, preso ao cinto. As crianças, como não tinham muito costume de saírem de casa e muito menos de andarem de ônibus, com tanta gente estranha num mesmo ambiente, ficavam assustadas, agitadas e começavam a chorar. As mulheres costumavam amamentar os filhos até que estivessem já grandinhos, pelos 2 ou 3 anos de idade. E aquela família que entrou na jardineira não era diferente disso. Antônio e Aparecida estavam criando o primeiro filho, um bebê de 9 meses que, como toda criança daquela época, “estranhava” e começava a chorar. Aparecida era uma jovem mãe, morena, de cabelos cacheados e compridos, olhos “gatiados” e pretos, corpo elegante, sorridente e

simpática. Antônio aparentava ser bem mais velho, mulato, alto e forte, carrancudo e sério, semblante de poucos amigos.

Assim que a jardineira começou a andar, o bebê começou a chorar e ficava cada vez mais nervoso. Antônio olhava do lugar onde estava sentado a mulher tentando acalmar o menino: chacoalhava, balançava, abraçava, tentava dar a chupeta, mas a criança não parava de chorar. Numa última tentativa, Aparecida tenta amamentar o bebê, porém, o menino não queria pegar seu seio. Enquanto isso, todos na jardineira observavam a luta da mãe para acalmar o bebê. Aparecida, já bastante desconsertada com a situação, disse ao pequeno:

- Pega o “mamá”, senão o gatinho vai mamar tudo... Olha lá, ó, o gatinho vem pegar seu “mamá”...

Então, um jovem sentado no fundão da jardineira, sem medo do perigo de um marido ciumento, resolveu tirar uma onda com Aparecida:

- Miiiauuu!!!

Antônio se levantou da poltrona num salto, pulou ao lado da poltrona onde estava a mulher e o filho, puxou do canivete na cintura, apontou-o para a parte de trás do ônibus e chamou ameaçador:

- Pichim, pichim, pichim...

As pessoas que estavam no coletivo se levantaram depressa de suas poltronas e tentavam apaziguar a situação. Sr. João continuou dirigindo e acompanhando tudo pelo retrovisor. E Antônio continuava a chamar o “gatinho” atrevido:

- Vem mamá, gatinho...

Nessa altura do campeonato, todos já sabiam quem era o engraçadinho, que estava morrendo de medo, agachado atrás da última poltrona da jardineira e respondia quase sussurrando:

- O gatinho chupou manga...

Ainda bem que já estava chegando em Alfenas. E, assim que a jardineira deu de parar, o “gatinho” pulou pela janela e sumiu rua afora. E a julgar pelo aperto que passou, deve estar correndo até hoje.

A CAÇA DE TATUS

Antigamente, quando os açougues eram escassos, quando a maioria da população habitava em pequenos sítios, os homens costumavam caçar para abastecer suas famílias de carne. Caçavam coelhos, capivaras, rolinhas, jacarés, pato-porco, tatus... Quando chegava à tardinha, os caçadores pegavam espingardas, podões, facas ou canivetes bem amolados, armadilhas, lanterna ou lampião e se embrenhavam pelos matos à procura de caça. Às vezes, só voltavam para casa de madrugada, com os sacos cheios de bichos variados. Arrumavam suas caças, cozinhavam tudo de uma vez e guardavam em latas cheias de gordura de porco, de onde iam tirando aos poucos para consumir; ou então salgavam e secavam ao sol, para consumir durante certo período. Essas carnes duravam semanas e até meses. Por isso, não é de se admirar que os caçadores desenvolvessem técnicas para serem bem-sucedidos em suas caçadas.

Conta-se que por essas bandas havia um caçador de tatus que voltava de suas caçadas com o saco cheio de tatus todas as vezes que saía para o mato. Ele explicava sua técnica de sucesso:

- Eu inventei um jeito novo e infalível de caçar tatu. Comprei um botijão de gás, daqueles “piquitito” e coloquei daquelas mangueirinhas que põe no fogão, com “torneirinha”; arrumei também um pedaço de pau, pesado e comprido. Aí, quando vejo um tatu, sigo ele até seu buraco. Então, quando ele se esconde lá dentro, eu enfio a mangueirinha no buraco, abro o gás um pouquinho, espero um “cadinho” e logo o tatu sai tossindo, afogado com o gás. Nessa hora, eu dou uma paulada na cabeça dele e mato. Num “faia” uma.

E foi assim muito tempo; como usava pouco gás, o botijão durou bastante. Mas, certo dia, o tal caçador saiu para caçar os tatus e não viu que seu gás tinha acabado. Já embre-

nhado no mato, avistou o primeiro tatu e, quando colocou a mangueira no buraco e abriu a torneira do gás, cadê? Não tinha nem uma espirradinha.

- Agora lascô... cumé que eu vô fazê? – pensou alto – Já sei: o tatu não sabe que o gás acabou, então, eu vou enfiar a mangueira no buraco e gritar: ó o gás!

E, fazendo assim, conseguiu caçar mais tatus ainda, sem gastar nadinha com gás. Ele via o tatu, seguia ele até o buraco, enfiava a mangueira e gritava: ó o gás! O tatu saía correndo do buraco e levava uma paulada fatal na cabeça.

Você não acredita? Mas é sério! É que todos os tatus da região conheciam a fama do “caçador do gás”. Então, era só gritar: ó o gás! Pra eles saírem dos buracos correndo para salvarem suas vidas...

COBRAS NO PORÃO

Contou-nos Maria Laura, neta do farmacêutico e grande político areadense, Álvaro Faria Pereira, que, quando criança, vinha, durante as férias escolares, passar alguns dias com os avós. Maria Laura sempre morou sem São Paulo, mas nunca deixou de regar suas raízes areadenses.

Dr. Álvaro foi vereador por vários mandatos e prefeito, de 1918 a 1927, além de farmacêutico. Sua farmácia ficava na praça central, hoje, Pça. Henrique Vieira, onde o farmacêutico também morava. Sua casa tinha o cômodo de comércio na frente, onde funcionava a farmácia, e muitos e amplos cômodos ao lado e aos fundos, inclusive um grande porão. Havia também uma “horta” bastante extensa, que ia até à rua de baixo, com um variado pomar. Seus netos, principalmente aqueles que moravam na “cidade grande”, passavam os dias brincando e saboreando as frutas que colhiam “no pé”.

Maria Laura nos contou que, certa vez, num desses períodos de férias, seu avô chamou toda a criançada e disse que não era para eles entrarem no porão de maneira nenhuma, mas não falou o porquê da proibição. Ah! foi o suficiente para aguçar a curiosidade da molecada:

- Por que será que a gente não pode entrar no porão? – perguntava um.

- Que será que tem lá dentro? – questionava o outro.

Naquele dia, as crianças não conseguiram pensar em outra coisa. Tinha que haver uma forma de descobrirem o porquê de não poderem entrar no porão:

- Gente, tem uma frestinha na porta, em cima. Vamos pegar uma cadeira, colocar em frente à porta, subir nela e olhar pela fresta. Acho que a gente vai conseguir ver o que tem lá dentro – sugeriu um dos meninos, se comichando de curiosidade.

- Boa ideia! – concordaram todos.

Um deles correu na cozinha, pegou uma cadeira e colocou em frente à porta do porão. Outro subiu rapidamente, olhou lá pra dentro,

desceu da cadeira, se coçando e gritando:

- Credo! Ai, ai, ai! Credo!

Os outros, com os olhos arregalados e com medo de subirem na cadeira para olhar, perguntavam:

- Que foi?

- Que é que tem lá?

- Ai, gente! Eu “tô” com medo! Que será que ele viu?

Demorou ainda alguns minutos para o primo falar o que tinha visto lá dentro do porão:

- Gente, olha lá pra vocês verem! Tá cheio de cobras lá dentro. Fiquei até com giriza – declarou ele, esfregando as mãos nos braços sem parar.

Todo mundo queria ver, causando um sobe e desce da cadeira e uma gritaria que assustou a avó, que estava na cozinha:

- Que é que está acontecendo aí, gente? Que gritaria é essa? – veio ela preocupada – alguém se machucou?

A gritaria foi tamanha que o avô, Dr. Álvaro, escutou lá da farmácia e veio correndo ver o que estava acontecendo:

- Que “gritaiada” é essa, gente? Que é que foi?

- O porão está cheio de cobras! – responderam as crianças.

E foi então que o Dr. Álvaro explicou a todos:

- Ah, sim! É o seguinte: estou “juntando” cobras para levar para o Butantã, para a produção do soro antiofídico, que trata as pessoas picadas por cobras peçonhentas. Como na nossa região acontecem muitos acidentes com cobras, decidi garantir algumas doses do soro para atender às pessoas picadas por cobras. Para isso, é preciso contribuir, levando cobras para que eles retirem o veneno e produzam o soro. Então, estou fazendo uma campanha aqui e dizendo que todos que encontrarem cobras em suas propriedades, não as matarem, mas que as tragam para eu levar para o Butantã. E o pessoal tem trazido as cobras. Como não vou sempre a São Paulo, “guardo” as cobras no porão e as alimento. E quando vou, coloco todas as cobras num caixote próprio que eles me deram e levo pro Butantã. Da outra vez que fui, levei 12 cobras e trouxe algumas doses de soro antiofídico.

Ufa! Ainda bem, né? Imagina se o Dr. Álvaro estivesse começando uma criação de cobras! “Crem Deus padi”.

“CAUSOS” DE COBRA

Havia um violeiro por essas bandas, conhecido como Tião. Ele costumava contar que, certa noite, foi tocar numa festa de São João. Acompanhado por outros violeiros e sanfoneiros, tocaram e cantaram algumas horas. Então, cansados que estavam, resolveram dar oportunidade para outros se apresentarem, para que pudessem aproveitar também um pouco da festa, que estava bem animada. O violeiro pegou sua viola, a encostou num mourão e foi comer e dançar um pouco. Passadas algumas horas, decidiu que era hora de ir embora. Pegou sua viola, colocou nas costas e rumou para casa. Andou um pouco e achou que a viola estava pesada, mas não quis parar no meio do caminho: “veja isso lá em casa”, e continuou. Quando chegou em casa, olhou dentro da viola e viu uma cascavel enorme: “Que perigo! Já pensou se esse bicho me pica no caminho?” Tirou a cobra de dentro da viola e a matou. Cortou o seu guizo, colocou-o dentro da viola e dizem que está lá dentro até hoje.

O povo antigo conta que uma mulher e seu marido moravam numa roça localizada numa gruta, num lugar de difícil acesso. A mulher teve um bebê. O marido saía para trabalhar cedinho, com o sol nascendo, e a mulher ficava sozinha com o recém-nascido. No começo, o bebezinho estava desenvolvendo bem, mas, com o passar dos dias estava ficando mirradinho e chorava muito. A mulher tentava amamentar a criança, mas ela não estava querendo pegar o peito. O marido chegava da lida e a mulher estava chorando com a criança no colo, que definhava. Certo dia, o homem não foi trabalhar e levou a mulher e o bebê em uma benzedeira. Assim que bateu os olhos na criança, a benzedeira viu que algo estava muito errado. Tirou as roupinhas do bebê e notou manchinhas vermelhas pelo corpo, parecia sarampo, mas não era porque a criança não tinha febre ou

qualquer outro sintoma. A benzedeira benzeu a criança e falou para o homem:

- Algo estranho está acontecendo com sua mulher e seu filho. Fica em casa amanhã de novo e sonda.

O marido atendeu à benzedeira e, no dia seguinte não foi trabalhar. Ficou ali, por roda de casa, analisando, sondando... Depois do almoço, a mulher pegou o bebê para fazê-lo dormir. O homem foi dar uma espiada na horta. Passada uma meia hora, o neném continuava chorando e nada de dormir. O homem entrou na casa devagar e foi até o quarto onde estavam a mulher e a criança. Foi quando viu o porquê da criança estar tão mirrada e doente: uma cobra enorme estava em cima da cama, ao lado da mulher, que parecia estar em transe; a cobra mamava enquanto colocava o rabo na boca do bebê, que chorava esfomeado. O homem não mexeu na cobra para que ela não picasse a mulher ou o bebê. Esperou que ela saísse, toda faceira e de barriga cheia, e deu uma machadada que lhe arrancou a cabeça. Antes de morrer, a cobra se contorceu toda, escorrendo no chão da sala parte do leite mamado. Na semana seguinte, o casal se mudou daquele lugar e a criança cresceu, tornando-se um menino robusto e saudável.

AREADO E A POLÍTICA

Desde que os cargos eletivos passaram a existir, as campanhas eleitorais são repletas de acontecimentos que até Deus duvida. As campanhas eleitorais causam inimizades, discussões em família e até brigas feias.

Entre os anos de 1930 e 1937, dois grandes grupos políticos comandavam o Brasil, no tempo de Getúlio Vargas: os Progressistas e os Integralistas. Nessa época, Areado era um município recém-emancipado, já que sua Emancipação Político-Administrativa se deu em 10 de setembro de 1925. Embora fosse um município novo, havia aqui grandes líderes políticos e a população participava ativamente dos movimentos políticos da época. Areado era tão “politizado” que o líder do Integralismo no Brasil, Plínio Salgado, esteve aqui em 1936, para uma reunião com um grupo de integralistas areadenses. E foi nessa época do Integralismo que se deram as maiores perseguições políticas. Era prefeito na ocasião o Sr. Virgílio Vieira Romão, político de grande valor, trabalhador, visionário e empreendedor, mas que, por causa das divergências políticas foi preso e colocado dentro de uma geladeira por um tempo, como represália. Ficou tão traumatizado que foi embora de Areado e nunca mais voltou; nem depois de morto para ser enterrado aqui.

Em 1937, Plínio Salgado foi preso pelo governo e o Integralismo foi dissolvido. Foi então que aconteceu o grande movimento político no Brasil que criou dois grandes e rivais partidos: UDN (União Democrática Nacional) e PSD (Partido Social Democrático).

A primeira eleição para prefeito em Areado aconteceu em 1945 e o vencedor foi Dr. José Custódio de Oliveira. Os prefeitos eleitos entre 1945 e 1986 não eram remunerados, exercendo um mandato de dedicação exclusiva e voluntária. Em 1945, formou-se também a primeira Câmara Municipal de Areado, onde Sylvio

de Ávila Borges foi o primeiro presidente. Venerando Braz da Silveira seria o primeiro prefeito remunerado, a partir de julho de 1986, porém, morreu cerca de um mês antes, num trágico acidente, onde morreram também seus dois filhos caçulas, Silvia e Venerando Filho.

A partir de julho de 1986, os prefeitos e vereadores passaram a ser remunerados para exercerem seus mandatos.

Um dos políticos mais influentes do nosso município, Dr. Valeriano Faria Vieira, do PSD, homem sensato e pacificador, para acabar com as intensas brigas políticas entre UDN e PSD, sugeriu um acordo: em cada eleição para prefeito haveria candidatura única, alternando entre PSD e UDN. Então, o primeiro a ser indicado dentro do acordo político foi Dr. Francisco Pio da Silveira (UDN), que foi prefeito de 1959 a 1963.

A força da política em Areado era tanta que, em 1948, Juscelino Kubitschek, na época deputado estadual, veio a Areado para a festa em comemoração à emancipação da Comarca de Alfenas. Anos depois, em 1950, na inauguração do prédio da prefeitura, foi Juscelino quem cortou a fita. No seu discurso durante a inauguração da prefeitura, falou pela primeira vez sobre sua candidatura a presidente da República. Por isso se diz que Juscelino Kubitschek lançou sua candidatura aqui.

Havia o Clube Recreativo Areadense, chamado “O Casarão Vermelho” (ficava onde hoje é o Areado Hotel). Esse clube era comandado pelo pessoal da UDN e os partidários do PSD não podiam frequentar os bailes que aconteciam ali. Então, o baile de inauguração da prefeitura, do qual Juscelino foi um ilustre convidado, foi realizado na casa da família Guimarães, na Rua Monsenhor Matias, e os integrantes e simpatizantes da UDN não puderam participar. Neste baile, a orquestra tocou num dos quartos e o povo dançava nos outros cômodos da casa.

E as pessoas pensam que rivalidades políticas e campanhas eleitorais intensas são assuntos atuais...

ACREDITA?

A Igreja Matriz de Areado começou a ser construída em 1903, mas antes de ser acabada, desmoronou em 1915. A retomada da construção se deu na década de 1920 e a igreja foi inaugurada em 30 de abril de 1925. Durante esse período, o Padre Nicolau fez, em frente ao prédio da Matriz que estava sendo erguida, uma casinha rústica, de tábuas, para que o Pedro Firmino pudesse morar e zelar pela obra. O pobre velho, paralítico, tinha muita dificuldade para andar e só o fazia com o auxílio de muletas, vivia de esmolas. Além de vigiar a obra, Pedro Firmino tinha por função bater as horas no período da noite, sendo a última badalada às 21 horas. O pobre velho recebia algum trocado pelos serviços prestados e ainda podia dormir na casinha, abrigado do frio e da chuva. Mas, Pedro Firmino tinha muito medo de assombração e a moçada, para “tirar onda” com o velho, esperava o pobre dormir, badalava o sino e se escondia. O coitado saía quase se arrastando para ver quem havia badalado o sino e, olhando para todos os lados e não vendo ninguém, voltava para cama. Assim acontecia várias vezes durante a noite, até que Pedro Firmino, pensando ser um fantasma e morrendo de medo, desistia de dormir e passava o resto da noite rezando. No dia seguinte, contava para todos sobre o acontecido, se benzia com o sinal da cruz e dizia que tudo aquilo era “coisa do diabo”. Mas, todos sabiam que era arte da rapaziada para assustar o velho.

E, por falar em crença, existe uma lenda quanto ao fato de ter muitas formigas em Areado. Dizem que foi praga que um padre jogou. Mas essa é uma outra história.

CONSTRUINDO A FÉ

Não se sabe se foi no correr de 1914 ou 1915 que os habitantes de Areado, alvoroçados, receberam a notícia da chegada dos novos vigários da paróquia. Verdade é que a nova trouxe animação a todos e tornou-se tema das conversas:

- São dois padres grandalhões, enormes mesmo: um ruivo, outro alourado, meio esquisito – comentavam uns.

- Eles são tão altos que têm que se abaixar quando precisam passar pela porta do Hotel do Jangutta – exageravam outros.

Assim aportaram na vila os dois missionários - missionários porque foram os desbravadores do então patrimônio de Vila Gomes - sem alarde, sem os costumeiros avisos, totalmente desconhecidos. Ninguém sabia de onde vinham, qual sua nacionalidade. Franceses? Ingleses? Não se imaginou que fossem originários da pitoresca Holanda. O método de vida, a meticulosidade que empregavam ao fazer mesmo pequeninas coisas, a limpeza mantida em seus domínios, tudo isso era prova e denunciava o espírito disciplinado e ordeiro dos batavos. Mas, o que era o Areado naquela época? Com uma igreja metade caída, metade erguida; ruas cobertas por boas pastagens muito bem aproveitadas pelo gado às soltas; sem luz; semicivilizado e não sei bem se religioso. E os padres afeitos a pelepas árduas em outras paragens, lançaram-se ao trabalho, uma vez que num rápido olhar compreenderam o que tinham a fazer. Improvisaram, em casa particular, uma capela, enquanto ao mesmo tempo trataram da reconstrução da igreja, que ruíra tempos atrás. E em uma sala pequena, com tudo improvisado, mas limpo e bem arejado, iniciaram suas atividades, celebrando missas, rezas, batizados, dando aulas de catecismo etc. Outra vez os ofícios religiosos passaram a fazer parte dos hábitos do povo da terra. Pouco tardou para que as cerimônias religiosas passassem a ser celebradas na própria igreja, já em adiantada fase de reconstrução, graças à tenacidade dos padres e à magnanimidade do povo de Areado. Essa igreja, hoje inteiramente feita, é atestado do gosto e

capacidade daqueles que a reiniciaram, embora terminada pelos seus sucessores. A vida nos ensina que não devemos glorificar só aqueles que chegaram ao fim, por isso que nem sempre foram os mais capazes. Uma boa obra realizada é glória de seu idealizador. Os padres João Batista e Nicolau Ruyter, vigário e coadjutor, venceram com louvor todos os obstáculos encontrados, mas não puderam continuar juntos na luta iniciada. O primeiro, Pe. João, foi chamado para dirigir outra paróquia, também bastante necessitada de bom timoneiro. Pe. Nicolau assumiu a paróquia e continuou os trabalhos da matriz, iniciou e deixou quase finalizada a Igreja do Rosário, construiu a casa paroquial, organizou festas, deu nova orientação ao ensino do catecismo e às associações religiosas, levantou, por assim dizer, o nível religioso da paróquia.

É bem verdade que teve a ajudá-lo bons coadjutores, como o Pe. André – excelente belga, pintor de apreciáveis possibilidades e encantador professor de catecismo – e o Pe. Luiz Gonzaga – de uma inteligência ímpar, do que deu prova clara no concurso que fez para catedrático de inglês, no Ginásio do estado, em Campinas, no qual foi classificado e nomeado, embora competisse com grandes capacidades e tivesse que lutar em meio de reconhecida hostilidade à batina. Seu mérito se torna maior se dissermos que não havia muito vindo para o Brasil, onde chegou sabendo bem pouco o idioma português, mas conseguiu, em curto prazo, com os meios de que dispunha, aprender ler, escrever e falar a nossa língua. Do Pe. Luiz Gonzaga guarda-se boas lembranças. E sua morte prematura foi, para todos aqueles que o conheceram e com ele conviveram, uma perda irreparável. Não se poderia falar no Pe. Nicolau sem que um relato da sua atuação durante a epidemia de 1918 viesse à tona. Como um vendaval varrendo o mundo todo, chegou também à pequena paróquia do Pe. Nicolau: a “gripe espanhola”. Traíçoeira, impiedosa, veio ceifando vidas sem conta e espalhando o pânico e luto por onde passava. A Villa, não contando com um hospital, nem mesmo uma enfermaria, nem dispondo de posto onde fossem ensinadas medidas profiláticas – o que se sabia então era aspirar naftalina. Embora contando com profissionais

competentes, estes eram em número reduzido para os necessitados de seus cuidados. Todos sabemos que uma epidemia, como a que assolou o mundo na época, não exige tão só a assistência médica. Outros cuidados como: alimentação e higiene, muitas vezes ignorados e inacessíveis aos pobres, contribuíram para o avanço da epidemia de gripe de 1918. Qual foi, então, a conduta de Pe. Nicolau? De manhã até à noite, ele era visto, carregando embrulhos, levando garrafas com leite, de casa em casa, principalmente para os mais pobres, para quem levava não só o que vestir e comer, mas ainda o conforto espiritual de sua assistência. Há quem afirme que até fazia serviços domésticos. Os pobres souberam que não morreriam à mingua, uma vez que o Pe. Nicolau estava em suas casas, todos os dias, dando-lhes de beber, de comer, confortando seus espíritos com os sacramentos, dando-lhes os remédios. Não deixou de atender, da mesma forma, os mais abastados.

Naturalmente, em circunstâncias como aquelas de 1918, ante o dever cristão, desapareceriam as barreiras das seitas. Isso mais engrandece o gesto de Pe. Nicolau, porque não procurou se valer da oportunidade incitando à conversão. A atitude deste padre deve ser lembrada para ser seguida e imitada. E, como recompensa, Deus fez com a paróquia do Pe. Nicolau fosse uma das menos assoladas pela epidemia. Este bom sacerdote, justo, simples, que jamais precisou do púlpito para censurar seus paroquianos, grande por seus feitos e, nem por isso se envaideceu, foi uma dádiva dos céus à paróquia de São Sebastião de Areado.

Pe. Nicolau faleceu em 9 de março de 1950, em Itajubá/MG, deixando um legado de amor ao próximo.

ENTRANDO PELO CANO

Conta-se que o Pe. Antônio Mariano Pimentel, durante sua gestão como vigário da Freguesia do Areado, por volta dos anos 1880, conseguiu trazer água do “Córrego Preto”, através de manilhas, até a praça, em frente à Capela de São Sebastião (hoje igreja matriz), para alimentar um chafariz. Era esta a única fonte de água encanada do povo daquela época. No chafariz, as pessoas iam buscar água para abastecer suas casas.

Certo dia, faltou água no chafariz e o Pe. Antônio Pimentel resolveu “seguir” o encanamento de manilhas para ver o que estava acontecendo: se estava entupido, quebrado, enfim, queria solucionar o problema da falta d’água.

Naquele tempo, Areado era cercado por densas matas. O padre, “seguindo” o encanamento, se distraiu e penetrou matagal a dentro sem perceber. E, foi assim, que Pe. Pimentel acabou se perdendo. O mato era fechado e ele não conseguiu encontrar saída. Meu Deus, ele estava perdido! E agora? Ele estava sozinho e já estava escurecendo!

Então, algumas pessoas mais chegadas ao padre, que o haviam visto sair para resolver o problema do encanamento, começaram a ficar preocupadas com a demora do padre, ainda mais que estava escurecendo. Foi aí que decidiram ir à Capela e repicaram o sino. Não demorou para todo o povo se reunir em frente à Capela e de lá saíram, já escuro, carregando tochas e velas acesas, tentando seguir os passos do padre à sua procura.

As pessoas embrenharam-se no mato e chamavam pelo padre, mas a resposta não vinha. Depois de muitas horas de procura, encontraram Pe. Pimentel todo sujo, cheio de picão e amoroso, no meio do mato. Ele já havia até apanhando folhas para improvisar uma cama para descansar e esperar amanhecer.

O povo ficou tão feliz por ter finalmente encontrado o querido padre, que o carregou nos ombros de volta ao povoado. Dá para imaginar a felicidade e o alívio do padre, né?

TIRO AO “ALVO”

No ano de 1920, havia em Areado um Tiro de Guerra, comandado pelo Sargento Dácio. Precisava ser construído, com urgência, o “Stand” para o treinamento com tiros de fuzis, pelos candidatos a reservistas.

Certo dia, apareceu em frente à farmácia do meu pai, o Dr. Álvaro, o fiscal da Câmara, Dídimo Rocha, que fazia a ronda a cavalo, para a apreensão de animais soltos na Vila e que eram levados para o curral do “Conselho”, onde hoje é a estação rodoviária, mas, na época, era fundos da casa do João Marcondes, onde funcionava a Câmara Municipal; hoje, no lugar está o edifício do Fórum.

O Dídimo foi logo dizendo ao meu pai:

- Sô “Alvo”, o stand já está pronto. Fica atrás da Igreja do Rosário (hoje, Av. Juscelino Kubstcheck). O senhor pode ir lá, pois já vão dar os tiros ao “alvo”.

Eu, na época, uma criança de 6 anos, corri pra dentro de casa aos prantos me queixar à mamãe que o Dídimo havia dito que iam dar tiros no papai.

(Dr. Célio Garcia Pereira – publicado no Jornal Folha Areadense, em 09/10/1999)

PORTEIRA DAS ALMAS

Embora já na reta final, ainda guardo muitas recordações da minha infância em Areado.

Precisamente, no ano de 1920, era comum na Vila de Areado os mortos serem levados para o cemitério novo (fundado em 1917) em padiolas ou banguês. Era desagradável vê-los carregados, envoltos em lençóis brancos, atravessando todo o largo, ao fúnebre badalar dos sinos da matriz. Lá eram enterrados em carneiras ou nas covas.

Naquela ocasião, o Presidente da Câmara mandou confeccionar um enorme caixão mortuário, de madeira, que seria usado para transportar os mortos a partir de diversos pontos da Vila. Ainda existe um dos pontos que deu até nome ao bairro: “Porteira das Almas”, sendo o nome certo bairro Santa Rita.

Ali eram esperados todos os mortos procedentes dos bairros: Vassourão, Santa Galo, Cabo Verde e outros. Então, fazia-se as trocas para caixões bem feitos, outros, mais simples, e os verdadeiros pobres, que não tinham caixões próprios, eram colocados no “Caixão das Almas”, aquele que o Presidente da Câmara mandara confeccionar. Quando chegavam com esses mortos no cemitério, eram atirados diretamente em covas de sete palmos e o caixão, desocupado para transportar outro morto pobre.

Vejam que coincidência, aquele lugar também ficou sendo chamado “Porteira das Armas”, pois era proibido entrar com armas na Vila. Então, havia um preto velho, “papudo”, que morava em uma casa de adobo e guardava as armas em troca de alguns réis. A casa dele ficava onde hoje é a entrada da Chácara

do José Leite.

A fiscalização ao porte de armas era rigorosa em Vila de Areado. E para que as autoridades não descobrissem o esconderijo das armas na casa do preto velho, faziam as pessoas acreditarem que “Porteira das Armas” era uma maneira da população mais simples e inculta chamar “Porteira das Almas”. E por muito tempo a tática deu certo. Muitos chamam o lugar “Porteira das Armas”, querendo dizer, na verdade almas. Mas o fato é que criou-se uma grande confusão com o nome dado ao lugar: afinal é das arma ou das almas?

Havia outros pontos, além da “Porteira das Almas”, onde os mortos eram transferidos para os caixões: na Florinda, onde hoje é a entrada da cidade, no sentido de quem está vindo de Alfenas (Trapés), onde tem a Capela Nossa Senhora Aparecida. Esses mortos eram procedentes da Serra dos Lemes, Serra dos Silveiras, Barro Branco, Contendas, Grama, Lagoa, Taquaruçu, Monte Alegre e Pinhal.

Na Rua dos Bambus eram transferidos os mortos vindos do Muzambo, da Estação, dos Cruzes, Gomes, Movimento, Morro do Pito e Boa Vista.

Pinguela do Zé Pio eram os mortos procedentes de Anhumas, Capetinga e Taboão.

(Dr. Célio Garcia Pereira – publicado pelo Jornal Folha Areadense, em 23/10/1999)

COREIA

Na década de 50, houve o conflito entre as duas Coreias: do Norte e do Sul, acusavam-se mutuamente de agressão, de provocação e início de operação de guerra; e apareceu o ponto nevrálgico: o paralelo 38, atravessado pelo exército norte coreano.

Aqui no Ocidente, mais precisamente em Areado, chegavam ao vigário, Padre Matias, queixas diárias de conflito no bairro Rosário, apelidado, na época, de bairro da “Dedanca”. Eram conflitos provocados pelos moradores do Rosário e também pelos de outras partes da cidade. O padre não teve outra alternativa, cansado de tanta falação, foi logo dizendo:

- Vocês parecem que vivem na Coreia! Só que o paralelo 38 de vocês deve ser o Córrego Preto...

No bairro Rosário existiam muitos botecos, frequentados pelos DESUNIDOS DA CACHAÇA. Além disso, havia um famoso sobradinho, onde os habitués marcavam presença, pois representava “la maison de prostituição de Areado” (bordel), e davam também uma contribuiçãozinha àqueles conflitos. Daí o apelido de Dedanca.

Agora, o apelido de Coreia foi graças ao comentário do Padre Matias e bateu o apelido Dedanca, permanecendo até hoje.

Quase ninguém se refere ao bairro como Rosário, mas Coreia, cidade satélite de Areado.

**(Dr. Célio Garcia Pereira – publicado pela Folha
Areadense, em 22/01/2000)**

VAMOS FALAR DE POLÍTICA?

O ano era 1925, a Villa de Areado era governada pelo Agente Administrativo (prefeito) Álvaro Faria Pereira e passava por grande desenvolvimento sócio-econômico. O aumento populacional, causado inclusive pela chegada de imigrantes de outros estados brasileiros como pernambucanos, baianos, paulistas, cariocas, gaúchos, paranaenses, assim como estrangeiros como italianos, espanhóis e árabes, e crescimento na economia, impulsionado pela agricultura, principalmente de cana-de-açúcar e café, pelo comércio e pela indústria, que era um dos grandes potenciais da vila, com pequenas fábricas de laticínios e de polvilho e de olarias de produção de tijolos e telhas.

Neste cenário de pleno desenvolvimento, em janeiro de 1925, a Lei Estadual Nº 879 elevava à condição de município autônomo 19 vilas mineiras, entre elas a Villa de Areado. Essa lei tramitou na Assembleia Legislativa de Minas Gerais até 10 de setembro de 1925, quando, pela Lei Estadual Nº 893, Areado foi considerado município. Esta lei não garantiu só a Areado a emancipação político-administrativa, mas autorizou e consolidou a emancipação de outras 9 vilas, das 19 que foram criadas pela Lei 879.

A partir da Emancipação, Areado continuou se desenvolvendo, sendo participativo em movimentos políticos como, por exemplo, o Integralismo, que teve representatividade considerável por aqui. Políticos areadenses tiveram alianças com grandes vultos da nossa história como, por exemplo, Juscelino Kubitschek, partidário dos ex-prefeitos areadenses Dr. José Custódio de Oliveira, Dr. Valeriano Faria Vieira e Osório André Faria Vieira. Em 1950, enquanto Deputado Federal, participou do evento de inauguração do Paço Municipal, quando era prefeito o Dr. José Custódio de Oliveira; anos mais tarde, em 1955, lançou

sua candidatura à Presidência da República aqui em Areado, em um evento do seu partido, PSD, organizado pelo então prefeito Dr. Valeriano Faria Vieira.

Areado sempre foi muito engajado na política mineira e nacional. Na gestão do prefeito Dr. José Custódio de Oliveira (1947 a 1951), médico muito famoso em Areado e região, houve a construção de um prédio onde pudesse funcionar a prefeitura, a qual foi inaugurada em 14/05/1950 e você imagina quem veio cortar a fita? Nada mais nada menos que Juscelino Kubitschek, que na época era deputado federal. Grande amigo e partidário do Dr. José Custódio, nas solenidades de inauguração da prefeitura de Areado, lançou sua candidatura ao governo de Minas. Venceu as eleições e governou Minas de 1951 a 1955, quando saiu candidato a presidente. Como ter lançado sua candidatura a governador em Areado deu sorte, então, resolveu lançar sua candidatura a presidente também aqui. Nessa época era prefeito o também amigo e partidário Dr. Valeriano Faria Vieira (1951 a 1955). Juscelino fez comício na cidade e teve um baile de gala no casarão da família Faria Vieira (prédio antigo do lado de baixo da igreja). E deu certo, Juscelino venceu as eleições para presidente e governou o Brasil de 1956 a 1961. Seu slogan era: 50 anos de progresso em 5 anos de realizações. E podemos dizer com orgulho que tudo começou no nosso Areadinho...

HISTÓRIAS DE FUTEBOL

No Brasil, atualmente, o futebol é mais importante para o povo do que a educação. Em qualquer parte desse imenso país, podemos observar que faltam escolas e creches, mas tem sempre um campinho de futebol, com as traves dos gols de bambu.

Hoje, até mesmo nas aldeias indígenas, pratica-se e torce-se, quando o assunto é futebol. A maioria dessas aldeias indígenas tem televisão e os índios acompanham as copas, campeonatos e até torcem para algum time. Há pouco tempo, alguns índios foram a São Paulo para assistirem a um jogo do campeonato paulista, onde um índio jogava em um dos times. Vale lembrar que, a maioria dos índios não sabe quem foram Marechal Rondon nem Monteiro Lobato, mas são fãs de Pelé, Neymar e até de Maradona.

Em Areado, não acontece diferente. Na década de 20, já existia o time da União. Então, resolveram fundar lá do “Outro Lado” (bairro Rosário) o Aliança Futebol Clube, com campo e tudo, que não era gramado, mas “pedregulhado”.

Desde então, começou a rivalidade entre as torcidas. Numa disputa entre os dois times, no campo da União, um ou dois jogadores do Aliança jogavam descalços. A torcida rival foi impiedosa e apelidou os jogadores de “dedancas”. Não somente os jogadores, mas o time e até o bairro levou o apelido. Portanto, essa foi uma das causas do apelido do bairro ser “Dedanca”, antes de Coreia.

Outro fato acontecido em Areado e, até onde sei, inédito no futebol é o caso de um rapaz, chamado Eliseu de Assis, sapateiro, que tinha sua sapataria no porão de um sobrado, mais ou menos onde hoje é a casa do Célio Fernandes. Ele era portador de uma sequela da paralisia infantil, tinha a perna esquerda atrofiada e, para andar, usava muleta. Acreditem! Esse rapaz era beque (zagueiro) do Aliança. Eu o vi jogar muitas vezes e não era perna de pau. Coisas do “país do futebol”.

**(Dr. Célio Garcia Pereira – publicado na Folha Areadense,
em 05/02/2000)**

BATACLAN

Em 1926, estando eu de férias do Colégio Arnaldo (em BH), em Areado, deparei-me com um boletim afixado no poste em frente a farmácia do meu pai, Dr. Álvaro Faria.

A mocidade da época, que estudava no Colégio do Sr. Neném e aqueles que estudavam em Muzambinho, uniram-se com outros estudantes residentes em Areado e formaram um time com o nome de “Bataclan”. Eram eles: Arduíno, Cláudio César, Juca Magalhães, Juscelino Manso Vieira, Ataíde Gonçalves, Maurício Romão, Luizinho Romano, Osorinho Faria, Rochinha (sobrinho do Pe. Antônio), José do Prado Pereira, Renato Higino, Tonico Milhão, Zico Rodrigues, José Maria Soares, Jairo Carneiro, Venerando Pereira e outros. Para meu espanto, vi meu nome como reserva do time. No Colégio Arnaldo, praticava o futebol. Não era um craque, mas possuía um bom “petardo” (explosão).

Lembro-me de um jogo do Bataclan contra o poderoso esquadrão da União, lá no campo “da cadeia”. Areado, naquele tempo, era um paraíso para os viajantes. Como adoravam a nossa terra! Eram em grande maioria, portugueses.

Foi escalado o time do Bataclan por influência dos viajantes. Um deles teria que ser o goleiro. Botaram o Zico Rodrigues na reserva. Ele ficou inconformado. O fulano já teria treinado no Vasco da Gama e tal.

Naquele tempo, a regra era a seguinte: o goleiro tinha que devolver a bola imediatamente e o adversário teria que apossar-se da mesma, avançando sobre o goleiro. Não deu outra. O goleiro, o tal que os portugueses escolheram, pegou a bola e foram em cima dele. A única saída que ele teve foi entrar no gol com bola e tudo. O juiz Cesarino agiu corretamente: gol inapelável.

Não me recordo da nacionalidade do goleiro, só sei que o Zico Rodrigues foi vingado.

(Dr. Célio Garcia Pereira – publicado no Jornal Folha Areadense, em 15/05/2000)

CONVERSA DE CAPIAUS

Dois compadres vizinhos, lá da Estação, iam embora, no finzinho da tarde. No samburá só tinha lambaris. As traíras, o Bodinho, o Aroldo e o Zé Ricardo já tinham pescado todas. Conversa vai, conversa vem estrada afora, até que:

- Ô, cumpadi! É do seu conhecimento que agora num nasce mais ninguém no Areado?

- Uai, mas que conversa é essa, homi?

- Verdade, verdadeira. Aqui num nasce mais ninguém, cumpadi. Biscoitero vai acabar. Vai virá tudo é bananero.

- Ainda num entendi. Que conversa mais sem pé nem cabeça, sô...

- Tava aqui pensano e me veio isso: se o único hospitar da cidade ta reformano, as muié ta tudo ino tê fio em Alfenas, né memo? Se os fio nasce lá e eles já registra por lá memo. Cê cunhece o povo do Areado: sempre qué dá de granfino. O fio passa nove meis no buxo da mãe, aqui no Areado, mas se nasce em Alfenas, se lerdá, vão querê registrá lá. Vai acabá os biscoitero, vai sê só bananero.

Os dois pararam a caminhada e o mais velho disse:

- Que coisa! Eu num tinha pensado nisso. Mas fiquei preocupado agora, cumpadi. Logo vem netinho por aí e cumé qui vamo fazê? Será que vou ter banenero lá em casa?

O outro, já pegando o fumo pra picar, canivete de folha larga, toma assento num cupim na beira de estrada e responde:

- Óia, cumpadi, não sei. Mas hospitar novo, só Deus sabe quando...

- Mas tem as parteiras, uai!

- Ihhh, cumpadi! As muié de hoje num qué tê fio cum partera não. Elas qué i pro hospitar pamodi tomá anestesia...

- Isso é... Bão, intão enquanto o hospitar num ficá pronto, os biscoitero vai tudo nasce bananero.

- Tomara que a tar reforma num demore, né cumpadi?

(Publicado pelo Jornal Folha Areadense, em 13/05/2000)

O CURANDEIRO JOÃO RUELA

Durante anos, os curandeiros marcaram suas presenças em Areado. Alguns eram chamados de curandeiros por causa do misticismo e outros porque usavam plantas da flora brasileira para a cura de doenças. Havia também os benzedeiros e as benzedadeiras, que apelavam para as defumações, orações e rituais das ciências ocultas.

João Ruela era um místico. Usava de todos os recursos para a cura de males. Era fazendeiro, homem sério e trabalhador. Fazia caridade, mas usufruía de seu trabalho espiritual, como fonte de renda. A sua residência ficava no alto da Serra Negra (Serra do Elefante) e era de difícil acesso. Ainda existem ruínas de sua casa. Tornou-se famoso em toda região por suas curas. A sua figura folclórica faz parte da história de Areado. Era um pouco calvo, de bigode branco, grande, igual ao do Barão do Rio Branco. Andava sempre bem trajado: calças e paletó de algodão tecido em casa, conforme o costume dos fazendeiros abastados da época. Usava um chapéu de aba larga, um par de polainas e, na garupa do seu cavalo, uma capa Ideal enrolada. Aparecia sempre em Areado, montado no seu cavalo baio, parecido com o cavalo de São Jorge. O seu ponto predileto era a farmácia do “Sô Arvo”, meu pai, seu amigo, que o informava sobre novos remédios. Papai o tratava com cortesia e ele retribuía, mandando aviar suas receitas na farmácia.

Havia na Estação de Areado, condutores com cavalos arreados para conduzir enfermos e viajantes até a fazenda do João Ruela, que ficava a mais ou menos três quilômetros de distância da estação, tamanha era a fama do homem. Os representantes de laboratórios farmacêuticos procuravam primeiro o João Ruela e, depois, os médicos da cidade. Traziam até presentes para ele: caneta de tinta Parker, blocos para receitas (sem nome), objetos de uso pessoal etc.

Papai me contava muitas das curas de João Ruela.

Certa vez, um cidadão residente em São Joaquim, engasgou-se com um ossinho do pé da galinha e esteve em Areado, onde con-

sultou-se com três médicos, os quais foram unânimes: convém procurar médico em Alfenas, onde tem mais recursos. E lá foi o homem, à procura de um médico que retirasse o osso. Entretanto, não foi possível. Disseram-lhe que fosse para Varginha ou para Poços de Caldas, onde havia médicos especialistas. Mas o homem resolveu procurar o João Ruela e contou-lhe toda sua história. Depois de fazer a sua “concentração”, João Ruela pegou um pedaço de pano de algodão, azeitou-o bastante, amarrou-o num barbante comprido e pediu para que o homem o engolisse, com bastante água. Esperou um pouco para que o pedacinho de pano chegasse ao estômago e, então, puxou-o, desengasgando, assim, o pobre homem.

Papai também contava que apareceu em Areado um homem que tinha um tumor no pescoço (na região carolidiana) e procurou os médicos em seus consultórios. Todos eles, temerosos, encaminharam o paciente para um cirurgião em Alfenas. Não deu outra: o homem foi procurar João Ruela, que lancetou o tumor.

Suas receitas chegavam aos punhados na farmácia de papai, o que o obrigava a ter um grande estoque de preparados populares: Tayuyá, Elixir 914, Elixir Dória, Pomada de São Sebastião, Melão de São Caetano, pílulas de Erva de Bicho, Tutangyr, dentre outros. As suas fórmulas eram interessantes: tintura de quina com vinho doce, tintura de canela, sassafrás e outras tinturas, com xarope balsâmico. Em todas as suas receitas, no modo de usar, ele colocava o nome de Deus: tome uma colher no almoço, se Deus quiser; passe a pomada no corpo, se Deus quiser... e, quando o paciente teria de retornar; ele sempre escrevia: volte logo, se Deus quiser.

Lá no alto da Serra Negra, para afugentar os maus espíritos, ele fazia defumações e usava rituais das ciências ocultas. As pessoas levavam pacientes amarrados e eles voltavam soltos, curados da loucura. Quando o doente não podia comparecer para a consulta, João Ruela mandava uma peça do seu vestuário para operar a cura.

João Ruela ficou famoso em todo o estado de Minas Gerais e

nos estados vizinhos: São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Bahia e Paraná.

Em 1930, após a Revolução de 32, apareceu em Areado o Tenente Caetano Relore, que tinha como missão acabar com o curandeirismo no Sul de Minas Gerais. João Ruela acabou preso e foi maltratado. O mesmo aconteceu com outros curandeiros da região e houve até mortes. Após o episódio de sua prisão e tortura, quando voltou a clinicar, sua fama aumentou ainda mais.

Toda nossa família gostava muito do João Ruela, principalmente o papai. Então, em 1943, quando eu residia em Nipoã, estado de São Paulo, recebi uma carta de papai, oferecendo-me a Fazenda Serra Negra: 54 alqueires por 350 contos. Isso porque João Ruela estava muito doente e pediu que papai me oferecesse a fazenda. Soube que faleceu pouco depois, em consequência de problemas urinários.

Há outros personagens na história de Areado, dos quais vale a pena lembrar. Curandeiros: José Vieira, Ismael Leopoldo, Genserico, José Amâncio, João Pio e Benedito Curadô. Parteiras: Tia Eva, Tia Camila, Tota Marcondes, Siá Claudina do João Mulato, Siá Maria do Antônio Joaquim e Siá Galdina do Marcelino (Taquareiro). Rezadores de Terço: Dona Dalica dos Santos, Siá Maria Tereza, Ângelo da Siá Tereza, Júlio Juliano, Tia Romana e Presciliana, filha da Tia Romana. Congadas: José Lino (Capitão), Chico Mulato, Zé Curto, Zé Lucas, Olímpio Lucas, Aurélio, Orniço, Chico Congo e João Mulato. Benzedeiros: José Roque Magalhães (o Velho), Dona Tereza Bianchini e Tia Maria Rita do João Pedro. Pessoas caridosas: Siá Filipa Eulália dos Santos (mulher do Joaquim Cotia), Dona Aurélia Figueiredo, Dona Céu.

**(Dr. Célio Garcia Pereira – publica pela Folha Areadense,
em 28/09/2000)**

A ÁRVORE QUE “CHORAVA”

No ano 2000, o assunto era a mudança do século e do milênio. Ocasão perfeita para que os mais místicos vissem em tudo sinais dos tempos e coisas naturais acabam sendo entendidas como sobrenaturais, mesmo que haja explicações científicas ou justificativas.

Muito bem, em Areado não foi diferente. Surgiu, nessa época (no ano 2000), a notícia de que havia uma árvore, as margens de uma estrada rural, nas terras da Dona Ana Maria Nogueira, conhecida como D. Nica, que “chorava” e que pessoas estavam alcançando milagres através dessas “lágrimas”. A notícia se espalhou rapidamente e começaram as peregrinações para ver a “árvore que chorava”. Até novenas o povo fez. Eram centenas de pessoas que visitavam a “árvore que chorava” todos os dias, inclusive de outras cidades da região. Essa visitação maciça causou muitos transtornos aos moradores no entorno da propriedade e muito mais à proprietária das terras que abrigavam a “ rvore que chorava”, D. Nica.

A cada dia que passava, aumentava o número de pessoas que aparecia para ver a “ rvore que chorava”. D. Nica, ciente de que aquele fen meno era natural ao tipo de árvore, o Jacarandá do Campo ou Jacarandazinho do Campo, tentava explicar ao povo, mas nada deles acreditarem.

Geógrafos e botânicos explicam que esse fen meno é uma reação natural de alguns tipos de árvores, inclusive a árvore em questão, quando há períodos prolongados sem chuvas, exatamente a circunstância vivida em Areado naquele ano. Mas o povo não aceitou essa versão científica e preferia acreditar nos poderes sobrenaturais e miraculosos da  rvore.

D. Nica, sem saber mais o que fazer, decidiu pedir a ajuda da Igreja e do Jornal. Primeiro, pediu que o padre conversasse com os fiéis e os fizesse entender que não havia nada de

sobrenatural em tudo que estava acontecendo. Mas não adiantou, a maioria do povo não acreditou no padre e as peregrinações continuaram. Então, D. Nica resolveu ir à redação da Folha Areadense e pediu que fosse publicado um artigo que explicasse o fenômeno. Os editores publicaram o referido artigo, na edição do dia 28/10/2000. Isso também não funcionou.

Com o passar do tempo, acabou chovendo na região e a árvore parou de “chorar”. As visitas ao local foram diminuindo, diminuindo, até acabarem totalmente.

Hoje, as pessoas se esqueceram de tudo aquilo. O que restou, para que as pessoas se lembrem desse fato, foi o artigo da edição do Jornal Folha Areadense intitulado: “Árvore ‘chora’ mostrando a reação da natureza”.

“CAUSOS” DA SAPATARIA DO BARBATANA

Quem nunca ouviu falar em Aluísio Castro Romano, o Duza, um dos maiores jogadores de futebol de Areado e região. É surpreendente ouvir as histórias deste simples, brilhante e boêmio areadense, que defendeu vários clubes brasileiros, dentre eles o Botafogo e o Flamengo de Varginha, além de outros clubes no interior de São Paulo e que, em 1958, esteve treinando no Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, ao lado de Orlando, Belini, Vavá, Coronel, Écio e Rubens, craques do Vasco e da Seleção Brasileira Campeã do Mundo do mesmo ano (os três primeiros).

Duza sempre apresentou um futebol invejável, “de goleiro a volante, jogador de campo inteiro”. Devido ao seu já conhecido currículo, foi convidado por Jairo Bornelli, então presidente da U.A.A., para jogar e comandar, como técnico, o time da Pantera Azul de Areado, no ano de 1973. Duza era o técnico, mas jogava de vez em quando. Posição? Qualquer uma! Não foi diferente, sagrou-se campeão sul-mineiro, enfrentado as melhores equipes do selecionado torneio, um dos maiores da época.

Terminado o campeonato, Duza resolveu ficar descansando em sua terra natal – Areado – por alguns dias, de férias. E como todo mundo sabe, quando não se tem nada para fazer, principalmente em cidades pequenas e pacatas como a nossa, as sapatarias de consertos são lugares onde todos os “desocupados” se reúnem para bate-papos descontraídos, com fofocas, piadas e, claro, comentários sobre futebol.

Duza, então, numa tarde de sábado, estava sentado tranquilamente na sapataria do Barbatana, outro craque de Areado, conversando, claro, sobre futebol e “curtindo” a ressaca da noite anterior. Foi quando apareceu Toninho Capeta, o “jogador mais bruto que já se viu”, e pediu para que Duza fosse apitar um jogo de bola do time do Dedanca (Bairro Rosário) contra Divisa Nova, no antigo campo, onde hoje é o Polies-

portivo de nossa cidade:

- Oh, Duza, vai lá apitar o jogo contra Divisa pra nós?

- Ah, vou não! Cê é jogador muito bruto, o time do Dedanca é muito pesado e ainda mais contra a Divisa, vou não. Cê tá é louco!

- Por favor, Duza! Você é experiente, quebra o galho, vai apitar pra nós... É só dessa vez...

- Sei não... É muito arriscado... Quanto cê me paga?

- Que isso, Duza, pagar? A gente não tem dinheiro, não...

- Uai, então eu não vou!

- Mas se você for, minha vó vai fazer pamonha amanhã... Aí eu falo pra ela te dar duas...

- Duas pamonhas???? – grita Duza espantado – Então eu vou...

(Publicado na Folha Areadense, em 07/09/2004)

O BLOCO DO ZÉ BOLINHA

Fevereiro de 1982, ano de eleições. O carnaval estava se aproximando, Anselmo Faria e seus amigos, sentados ao redor de uma mesa no Boteco do Evaristo, tomando uma “geladinha”, conversavam sobre a indecisão dos políticos areadenses quanto à escolha do candidato a prefeito daquele ano. Estava difícil. Como a discussão não progredia, deixaram a política de lado e começaram a falar sobre o carnaval. Anselmo sugeriu, então, que a turma formasse um bloco carnavalesco baseado em uma personagem marcante da cidade. O grupo gostou da ideia e vários nomes foram citados. Depois de alguns minutos e de uma votação, o escolhido foi Zé Bolinha.

Depois da escolha, começaram a trabalhar, ou melhor, a pensar: “O que vamos escrever nas camisetas?”, questionou um dos rapazes. Muitas frases surgiram, mas nenhuma tinha aquele efeito. Outra decisão difícil. Talvez até mais que a própria escolha do candidato a prefeito de Areado.

Percebendo a agitação, educadamente, me intrometi no assunto e, misturando a política com o carnaval, sugeri: “Já que não tem jeito, Zé Bolinha para prefeito!”. Por sorte, todos gostaram da frase. Pronto. O Bloco do Zé Bolinha estava formado.

O próximo passo era a formação de uma comissão (sim, o bloco era organizado) e muitos se filiaram. O dinheiro foi arrecadado e foram confeccionadas várias camisetas brancas de punho azul, com a referida frase estampada. Entretanto, naquele mesmo dia, tudo corria muito bem, mas ainda faltava alguma coisa. O que? Ninguém sabia. Até que um sujeito, não me lembro quem, disse que faltava era uma música para o bloco. Fez-se um silêncio no grupo, olhares foram trocados e, de repente, Anselmo gritou: “Já sei! Nilson, precisamos de uma marchinha para o nosso bloco! Dá pra quebrar o galho?” Lembro-me que relutei,

mas acabei aceitando o desafio. “Tá certo, vou tentar”, disse. Confesso que pensei algo do tipo “o que a gente não faz para agradar os clientes”, mas gostei da ideia.

Umas das minhas paixões era a música, além, é claro, da bebida, do cigarro... Bom, mas essa é uma outra história. Voltando ao assunto, como gostava tanto de música, não demorou e “saiu” a Marchinha do Zé Bolinha. A inspiração veio enquanto eu preparava e assava mistos-quentes para um freguês, Sr. João Fidelis. Pouco depois, terminados os mistos, fui até a mesa onde estava o recém-formado bloco e anunciei: “Está pronta a marchinha!”. Eu havia escrito, rapidamente, a letra da música num guardanapo para não esquecer e, batucando na mesa, cantei-a por várias vezes, até decorá-la por completo. Em uma nova rodada de sorte, todos gostaram mais uma vez. A música, ou melhor, a marchinha do Bloco do Zé Bolinha estava pronta. O bloco estava completo e pronto para desfilar. Maestro Emílio, como sempre, deu o “toque final ao enredo”, fazendo a partitura. Para quem não se lembra, eis a letra:

O bloco do Zé Bolinha
Vai sair pela primeira vez,
Vai a pé porque não tem trem.
Vá nele você também.
Pegue uma cerveja bem geladinha
E vai tomar na bandinha.
Anda banda, anda, anda, Zé Bolinha
Porque o sapo pula e a rã caminha.

Enfim, no sábado de carnaval de 1982, o Bloco do Zé Bolinha, nascido, organizado e orquestrado numa mesa do Boteco do Evaristo, graças a dois mistos-quentes, desfilou com mais de oitenta componentes pelas ruas de Areado. Durante a noite, entraram todos no Boteco do Evaristo, cantando a marchinha, principalmente, as partes, digamos, “pejorativas” da letra, se é que me entendem, “e vai tomar na bandinha”, “porque

o sapo pula e a rã caminha”. Ter minha música cantada por tantas pessoas me emocionou. Infelizmente, foi a primeira e a última vez que o bloco desfilou. Por quê? Não se sabe...

(Nilson Faria Moreira – publicado no jornal Folha Areadense, em 18/02/2006)

HISTÓRIA DE PESCADOR

Havia na região, um pescador conhecido por todos por contar vantagens: “peguei um peixe desse tamanho”, e mostrava com as mãos; “fiz isso ou aquilo”, “o peixe que peguei pesou tantos quilos” e por aí vai. Todo mundo sabia que era mentira ou exagero do homem.

Certo dia, já cansados de ouvir as mentiras do tal pescador, os colegas tramaram um plano para que ele não conseguisse sinalizar com as mãos o tamanho do peixe. Eles iriam deixá-lo conversar normalmente e, quando se distraísse, colocariam algemas, prendendo suas mãos. “Vamos ver se ele consegue mostrar o tamanho exagerado do peixe”, pensavam eles.

O pescador se aproximou do grupo e começou com suas lorotas. Os companheiros logo colocaram o plano em ação: prenderam as mãos do mentiroso com as algemas e começaram a provocá-lo:

- E aí, João? O Zé contou que ouviu dizer que você pegou um peixão...

O homem não disse palavra e eles continuaram:

- Uai, João! Ficou quieto de repente!

O João respirou e soltou a “chapuletagem”:

- Peguei sim, um peixe muito grande... o maior que já peguei até agora, um “bitelo”... óia o zoião do bicho... – disse, fazendo um semicírculo com os dedos polegares e indicadores.

Todos conseguiram imaginar o quão grande era o peixe pelo tamanho dos olhos que ele mostrou com os dedos.

É, não adiantou. Nem mesmo as algemas seguraram o João de mentir. Mentiu mais com as mãos presas do que com elas livres.

Todos se entreolharam e a história acabou numa gargalhada só. “O João não tinha jeito mesmo!”

A ARTE DE VENDER

Durante os muitos anos em que me entreguei ao ofício do comércio, sempre tive em mente a obrigação de vender meus produtos e não de deixá-los serem comprados. Isso porque, para um bom vendedor, há uma enorme diferença entre um produto vendido e um produto comprado. Para melhor explicar o que quer dizer, vou ilustrar com um “causo” ocorrido no Boteco do Evaristo, salvo o engano, na década de 70.

Numa tarde chuvosa de uma sexta-feira perdida em algum mês de junho daqueles anos, estava por beber e jogar conversa fora com dois amigos, Lázaro Simonetti e Valdinho (hoje, todos falecidos). Estávamos somente nós três e o boteco, às escuras. Se não me falha a memória, não havia vendido – e ninguém também havia comprado – nem um simples chiclete naquele dia, mas nada mesmo, no mais puro sentido da palavra, ainda mais que Simonetti e Valdinho bebiam por conta da casa.

E assim se foi até por volta de 17h30, quando um sujeito entrou apressado no boteco, buscando por um banheiro onde pudesse aliviar-se. Indiquei o caminho ao homem e continuei no balcão, saboreando uma cachaça com meus companheiros. Quando o homem saiu, passou por nós olhando e, não perdendo a oportunidade, lhe ofereci um trago:

- Essa cachaça é da boa. Experimenta? – indaguei, mas adverti em seguida – Mas cuidado, trata-se de um destilado por demais forte. Contam até que um sujeito caiu num pau dos oitenta depois de beber três litros dela.

O sujeito hesitou, mas acabou aceitando:

- Então, vamos de um só gole para ver no que dá.

E, como quem não quer nada e ao mesmo tempo não resiste à tentação, provou um gole e provando continuou. Num gole atrás do outro, chegou a muitos goles e mais algumas cervejas. Prendeu-se num alegre e embriagado bate-papo com Simonetti,

Valdinho e eu, amigos que acabara de conhecer. E, assim, se foram mais muitos goles e algumas horas.

De repente, num estalo, lá pelas 21h, o homem disse:

- Meu Deus! Tenho que ir embora. Minha mulher e meus filhos estão me esperando em casa. Já devia estar chegando ao aniversário de meu cunhado e ainda nem saí – lamentou, deixando transparecer que ela o mataria assim que chegasse.

- Que é isso? Vamos beber mais, você já caiu na vida mesmo! – falou Simonetti.

O homem mostrou-se ainda mais desesperado. Foi então que sugeri ao homem:

- Ora, então faça um agrado para sua senhora e limpe sua barra. Leve para ela uma caixa de bombons recheados com calda de morangos. Certamente, ela irá se esquecer de tudo.

Mostrei-lhe um dos melhores produtos que tinha nas prateleiras. Ele comprou, sem hesitar. Então, aproveitei a oportunidade para vender mais:

- Aproveite e agrade também seus filhos e seu cunhado. Leve essa sacola sortida com balas, bombons e pirulitos para seus filhos e, para seu cunhado, compre esse garrafão de vinho, pra vocês comemorarem o aniversário dele.

Mais uma vez o homem gostou da ideia e comprou tudo que sugeri: a sacola sortida e o garrafão de vinho. Ele já estava saindo quando o chamei de volta e perguntei:

- Seu cunhado torce por algum time?

- Sim, pelo Flamengo – respondeu ele.

“Ninguém é perfeito”, pensei e insisti:

- E você?

- Sou vascaíno.

“Eis o cliente perfeito”, pensei novamente. E, é claro, ofereci-lhe, por fim, duas canecas com os emblemas do Flamengo e do Vasco, com o argumento de beberem juntos, enquanto discutiam a rivalidade entre rubros e alvinegros. O

homem, mais uma vez, gostou da ideia, comprou, pagou e foi embora feliz. Ele somente não se deu conta de que entrou no boteco apenas para ir ao banheiro, para um simples xixi, e saiu embriagado de cachaça e cerveja e carregado de doces, vinho, canecas e a certeza de que se daria bem em casa com a patroa. Não me comprou nada, vendi-lhe tudo. E, assim procurei manter-me com o boteco ao longo dos anos, mais vendendo aos clientes do que os deixando comprar.

O mais engraçado foi que, passado algum tempo, o mesmo sujeito reapareceu no boteco, numa outra tarde, novamente para fazer xixi. Então, perguntei:

- E aí? Deu tudo certo aquele dia?

- Que nada! – ele respondeu e explicou – Dormi nem sei onde nem como, acordei ainda bêbado e olhei ao meu redor o que tinha comprado... Foi aí que lembrei que não sou casado, muito menos tenho filhos e não sou torcedor do Vasco ou do Flamengo. A única coisa certa era o garrafão de vinho para um amigo. Então, fui para a casa dele pensando em comemorar, mas não era seu aniversário e, sim, seu velório.

**(Nilson Faria Moreira – publicado em 25/04/2006, no
Jornal Folha Areadense)**

FUMANCHU E OS QUEIJOS

Em 1973, o Pantera Azul, inesquecível time da U.A.A., foi o grande campeão Sul Mineiro. Durante o campeonato, nos domingos em que o Pantera jogava em Areado, a cidade ficava uma festa, principalmente porque as equipes visitantes, como o Alfenense Futebol Clube, o Jacutinga ou o Botafogo de Varginha, traziam alguns ônibus cheios de torcedores para prestigiar os jogos.

Era costume todos os ônibus pararem em frente ao Boteco do Evaristo, na época, ponto de referência e turístico da cidade. Os visitantes aproveitavam, antes de irem para o estádio e depois das partidas, na vitória ou na derrota, para comerem alguma coisa ou tomarem alguns goles, na eterna combinação futebol e cerveja.

Tudo correu muito bem durante todo o campeonato, até que, certo dia, quando o time visitante era o Botafogo de Varginha, algo inusitado aconteceu. Depois do jogo, o tal ônibus rumou para o boteco. Naquele dia, os ilustres visitantes encontraram o boteco lotado e acabaram por integrar a algazarra.

Aquela tarde foi uma loucura, até porque, vale lembrar, que todos queriam ser atendidos ao mesmo tempo. Apesar da bagunça, tudo correu bem, pelo menos até os botafoguenses descobrirem meus queijos. Eles ficavam sobre um balcão, na sorveteria do boteco, expostos em embalagens de um quilo, bonitas, amareladas, um verdadeiro convite aos consumidores. Eram mais de vinte queijos do tipo prato, da Fábrica de Queijos Prato Real, de Varginha, um dos melhores da região.

Eu estava tão ocupado atendendo e, quando olhei para onde estavam os queijos, percebi que alguns sujeitos haviam resolvido levar alguns, digamos, no 0800, algo do tipo “põe na conta do Abreu, pois se ele não pagar, nem eu”. Num piscar de olhos, dos vinte queijos, restavam apenas dois no balcão. Fiquei muito nervoso, ainda mais que cada queijo custava uma fortuna. E, para piorar a situação, o bando já havia entrado no ônibus, que já estava com o motor ligado e pronto pra sair.

Não podendo deixar o boteco, que estava cheio, olhei mais que depressa para o Fumanchu, um dos mais populares e atrapalhados funcionários que já passaram pelo boteco, e gritei:

- Vai lá, Fumanchu! Eles estão carregando um monte de queijos. Sobe naquele ônibus e traz os queijos de volta!

Não deu outra. O Fumanchu, assustado com meus gritos, arregalou os olhos, saiu correndo e entrou no ônibus. Mas, para aumentar meu desespero, o Fumanchu somente subiu, não desceu. O ônibus partiu e o Fumanchu foi junto. Prometi em meus pensamentos que iria matá-lo, assim que voltasse, mas mantive a esperança de que ele voltaria com meus queijos.

Passou-se o resto do dia e nada do Fumanchu nem dos queijos. Já estava ficando preocupado com o fim do pobre coitado. Já de madrugada, por volta da 3h, me volta o Fumanchu, bêbado feito um gambá e, o que é pior, sem queijo algum pra contar a história. Meu sangue subiu à cabeça e, extremamente irritado, depois de xingá-lo por alguns minutos, perguntei o que tinha acontecido, pois queria uma explicação. Então, ele começou a gaguejar:

- Ô, seu Nilson... é que o ônibus deixou a gente lá em Monte Belo...

- Monte Belo? – interrompi – Mas o ônibus ia para Varginha... Não passa nem perto de Monte Belo. Mas, e os queijos, Fumanchu?

- Ô, seu Nilson... acho que eles beberam um pouco também...

Percebendo o estado lastimável em que se encontrava meu funcionário, me acalmei e terminei por colocá-lo debaixo dum chuveiro de água fria.

Nunca soube o que realmente aconteceu com os meus 18 queijos. E o pobre do Fumanchu, coitado, também nunca soube me contar nem mesmo onde ele próprio foi parar. Não se lembrava nem mesmo de ter entrado no ônibus...

(Nilson Faria Moreira – publicado com o título de “Os queijos, o Botafogo de Varginha e o Fumanchu” na Folha Areadense, em 17/05/2006)

RECORDAÇÕES

Areado... quantas mudanças o tempo me proporcionou!

Na rua da minha adolescência, não existem mais as velhas casas com amplas janelas de madeira, testemunhas arcaicas de um tempo bom que passou; palco dos meus folguedos vespertinos, onde a criançada brincava de pique, fazíamos colarzinhos com a florzinha maravilha.

Dona Iracélia, Julieta, Ofélia, Lili Guimarães, Dona Atomides, Dra. Yole, Madre Cacilda, Dona Modestina, Joaquim Poeta, todos se transformaram em nuvens e buscaram o infinito, ansiosos à procura do mistério que existe além desta vida.

Naquela época, os temores eram outros. Não havia problema em ficar na rua até mais tarde, temíamos, sim, o lobisomem que costumava aparecer às sextas-feiras da quaresma... tempo em que ser feliz era simples e puro.

Buscávamos lazer em coisas bucólicas e despretensiosas. Era legal soltar pipas, fazer arapucas, brincar de passa-anel, teatrinhos... a alegria acontecia devagar, com um jeitinho leve, espontâneo, vinha de dentro da gente, da nossa criatividade, daqueles momentos únicos, onde infância e adolescência eram quase a mesma situação.

A sexualidade acontecia de mansinho, com oportuno respeito; assim íamos nos acostumando com as mudanças do corpo e conflitos da mente, sem os arroubos da adolescência atual.

Nas famílias, não havia a permissividade dos dias atuais. Pais e filhos falavam-se olhando nos olhos, tudo era resolvido com diálogo e carinho. Escola era lugar para se ajeitar o futuro, com dignidade e respeito, principalmente, amor à cultura e aos mestres.

Areado... Certo dia, fui a Varginha tomando um trem. Lembrome bem do chocalhar dos vagões, do apito lânguido e sinistro, da fumaça negra a se misturar com a cor escarlate desbotada da poeira...

Tudo isto ficou num porta-retratos de lembranças no meu diário invisível de recordações. Não machuca, não traz alegrias. Só passou, como tudo passa, tudo se modifica.

É a vida, simplesmente!

(Sandra Prado de Carvalho)

QUEM FALA O QUE QUER, ESCUTA O QUE NÃO QUER

Nos tempos de meu pai, a chegada de um circo a Areado era um verdadeiro acontecimento, que era aguardado com ansiedade e entusiasmo. E o mais querido do circo, era – e acho que continua sendo –, sem dúvida, o palhaço. Quando esse personagem saía pelas ruas, com a cara pintada, sua careca luzidia e o nariz de batata, era um verdadeiro sucesso: “Hoje tem marmelada?”... E a molecada respondia em coro: “Tem sim sinhô”... “Hoje tem goiabada?”... “Tem sim sinhô”... “E o palhaço, o que é?”... “É ladrão de muié”...

Havia um “coronel” na cidade, homem rico, muito falante, um bocado exibicionista e que adorava circo. Não perdia um espetáculo sequer.

Certa noite, estreia de circo em Areado. O lugar estava lotado, banda de música à porta, muita animação. A sessão começou e o “coronel” estava refastelado na bancada, onde ficava mais a gosto. Depois de diversos números, eis que entra o palhaço, que foi recebido com grande algazarra e muitos aplausos. Então, seguiu-se um grande silêncio, que era para se ouvir melhor as piadas do palhaço.

Foi aí que o “coronel” aproveitou para exhibir-se e gritou lá da bancada:

- Ô, palhaço, você pra burro só falta o rabo...

E o palhaço, incontinente, sem perder um só minuto, respondeu:

- Então me empresta o seu.

Foi uma gargalhada geral, estrondosa e todo mundo olhando para a cara do “coronel”.

Este, diziam, não deixou de ir a circos porque era seu divertimento predileto, mas nunca mais boliu com palhaços.

(Anita Soares)

HISTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO DA SEVERINA

Severina é a filha caçula da Sá Nica, que foi uma benzedeira muito conhecida em Areado. Ficou viúva com 5 filhos, dos quais o mais velho tinha 15 anos e Severina tinha 3 anos. Como não tinha onde morar com os filhos, conseguiu uma casinha na antiga Vila Vicentina. Ali, ela poderia ficar até que Severina completasse 6 anos. A família também morou no bairro Cruzes e num cômodo de uma casa; ali, cada família alugava um cômodo. Severina acompanhava a mãe quando ela saía pedindo esmolas para sustentar os filhos. Na infância e adolescência, escutou muitas histórias de assombração e conta que chegou a ver algumas aparições.

Na “Rua do Bambu” (bairro São Vicente) havia um casal: Ângelo e Rosária. Eles tinham duas filhas já moças, chamadas Lourdes e Maria.

Nessa época, Areado ainda não tinha iluminação pública em todas as ruas. Havia somente uns postes com lâmpadas bem fraquinhas na praça e nas ruas principais. Às 18 horas, o Sr. Feliciano acendia as luzes e às 6 horas da manhã, assim que amanhecia, passava apagando.

O povo da cidade costumava conversar nas calçadas e alpendres das casas. Porém, às 10 da noite, todos entravam em suas casas, fechavam janelas e portas e não saiam mais; só mesmo num caso extremo. Isso porque a partir daquela hora, 10 da noite, aparecia uma assombração: uma moça loira, muito bonita, que vestia um vestido rosa e usava bolsa e sapato de salto alto. Algumas pessoas já tinham visto essa assombração e passavam medo nos outros.

Certo dia, já escurecendo, Lourdes e Maria disseram aos pais que iam passear na praça. Eles recomendaram que elas voltassem antes das 10 horas da noite, para não ter perigo de encontrarem a assombração. Mas, a intenção das moças era ficar

até depois das 10 da noite, para desmentir essa história de aparecer fantasma. O pai pediu que elas não fizessem isso, mas elas estavam resolvidas: “é hoje que vamos desmascarar e desmistificar essa assombração”, pensavam. E, com esse pensamento foram para a praça da cidade.

As horas passaram e, pelas 10 horas da noite, as pessoas que estavam na praça foram embora, sobrando lá só Lourdes e Maria. Elas se sentaram num banco e ficaram esperando para ver se a assombração aparecia. O tempo passou, já era mais de 11 horas da noite e nada. Elas já estavam cansadas, com sono e com frio. Foi quando uma sugeriu:

- Ah, não tem assombração nenhum! Vamos embora, está esfriando muito e não trouxemos blusa... Olha só, você está com o braço gelado – falou apalpando o braço da irmã.

- Não estou com frio não... Você que está gelada – respondeu a outra, encostando no braço da outra.

- Como não, eu estou com a mão no seu braço e está gelado...

- Eu que estou com a mão no seu, mas não estou sentindo sua mão...

Quando olharam, se depararam com a assombração sentada entre as duas. Elas estavam tocando nos braços do fantasma. Levaram tanto susto que desmaiaram, cada uma pra um lado do banco.

Já passava da meia noite e as moças não chegavam. A mãe estava aflita e o pai, preocupado, foi atrás das filhas na praça. Chegando lá, encontrou as duas desmaiadas. Levou-as embora meio tontas e, no dia seguinte, confirmaram a existência da assombração da praça. Nunca mais se atreveram a sair na rua depois das 10 da noite.

O irmão mais velho de Severina, chamado Antônio, que todos conheciam por Tonho, bebia muito. Certa noite, estava armando uma tempestade, o Tonho não aparecia e a mãe, Sá

Nica, estava muito preocupada. Então, resolveu sair para procurá-lo, mas tinha medo de ir sozinha. Pediu ao filho Luiz que fosse com ela, mas ele negou, pois também tinha medo. A mãe insistiu:

- Vamos sim, Luiz! A gente leva a Severina, que é “anjo” (assim criança menor de 7 anos era considerada), porque assombração não chega perto de “anjo”...

- Mesmo assim, não vou, não. O Tonho se vira, mãe – respondeu o rapaz.

- E se ele estiver muito tonto, caído na rua? Se cair essa chuva que está armando, se lerdar, ele se afoga na enxurrada. Vamos, Luiz, tem dó!

- Vô não, mãe... A gente vai molhar e ficar doente... E se a assombração correr atrás de nós? – temeu o moço.

- Eu e a Severina vamos... se você não for comigo, vai ficar sozinho aqui e a assombração vai vir aqui atrás de você...

O rapaz se viu obrigado a acompanhar a mãe, pois temia ficar sozinho. E lá se foram os três procurar o Tonho. Procuraram ali por perto de casa e não estava, então, resolveram ir até a praça, ver se o encontravam. Mas ele não estava na praça também.

Na época, a rodoviária funcionava no Bar do Toninho Monteiro, onde hoje fica o Banco do Brasil. Lá da praça, Sá Nica viu alguém sentado no banco em frente ao bar. Chegou mais perto e perguntou:

- Ei, você não viu um rapaz andando por aqui?

A pessoa não respondeu e ela insistiu:

- Tá me ouvindo? Você não viu um rapaz por aqui? Deve estar bêbado...

Como não houvesse resposta, Sá Nica se aproximou e tocou no ombro da pessoa que estava sentada no banco. A pessoa se levantou do banco e se virou para ela:

- Aaaiaiiii, é a assombração! – gritou ela e saiu correndo.

Os três atravessaram a rua correndo e pararam em frente à prefeitura, de onde viram a moça caminhar rumo ao cemitério.

Depois do susto, não tinham coragem de atravessar a cidade para chegarem em casa, então, decidiram bater na casa do irmão da Sá Nica, que morava ali perto. E também, já estava chovendo e relampejava muito. Chegando na casa, adivinha quem encontraram lá? O Tonho, que já estava até enrolado na coberta, bem tranquilo. Naquela noite, todos resolveram dormir ali mesmo.

Os antigos contam que atrás da igreja matriz tinha uma torneira onde todos pegavam água para abastecerem suas casas. O dia inteiro era gente enchendo lata. O trânsito de gente com lata vazia e com lata cheia na cabeça era intenso. Alguns deixavam para encherem suas latas à noite, pois era mais fresco e tinha menos gente. Porém, às 10 horas da noite esse movimento todo acabava. As pessoas se recolhiam em casa e não saíam mais. Diziam que, além da assombração que aparecia na praça depois das 10 horas da noite, a moça de vestido rosa, bolsa e sapato de salto, as almas das pessoas mortas apareciam e entravam na igreja para rezarem, depois da meia noite.

Certa vez, duas mulheres foram até a torneira atrás da igreja para encherem suas latas d'água pelas 9 horas da noite, pois não tinham nenhuma água para o outro dia cedo. As mulheres eram vizinhas e foram juntas, na intenção de voltarem juntas. Mas, quando chegaram, a fila estava enorme e elas eram as últimas. Como não tinham água, decidiram enfrentar a fila. Não saía muita água daquela torneira e demorava encher as latas. As horas foram passando, a fila diminuindo, até que chegou a vez das mulheres encherem suas latas. Isso já era perto da meia noite. Uma encheu a lata de água e disse à outra:

- Meu marido já deve estar preocupado, por isso, vou indo na frente, devagar, depois você me alcança...

Sem opção, a outra mulher concordou. Viu a amiga sumindo na esquina e sua lata não tinha enchido nem metade. Estava demorando muito, pensou em desistir, mas não tinha água nenhuma em casa, precisava esperar encher a lata. Já passava da meia noite quando viu muitas pessoas vestidas de branco entrando na igreja. Estava tão ansiosa pelo encher da lata e para ir para casa que nem se lembrou da história dos fantasmas. Assim que terminou de encher a lata d'água, tentou colocá-la no ombro, mas não conseguiu, estava muito pesada e precisava de ajuda. Foi quando viu passar perto dela uma senhora bem magrinha e pediu ajuda:

- Minha senhora! Será que a senhora pode me ajudar a colocar a lata d'água no ombro pra eu ir embora?

A mulher, branca como uma cera, olhou para ela e respondeu, com a voz bem lá no fundo:

- Ah, minha filha, eu não consigo, não tenho força nenhuma porque morri de disenteria...

Foram encontrar a moça, horas depois, desmaiada numa poça d'água. Ao cair, derramou toda água da lata. A amiga chegou em casa e ficou olhando se a outra estava vindo atrás. Como não apareceu, depois de algum tempo, ela e o marido chamaram o marido da amiga e foram atrás da moça, encontrando-a desmaiada, toda molhada e com a lata d'água virada.

Depois do acontecido, nunca mais ninguém ficou depois das 10 da noite “buscando” água.

Uma outra história que contavam é que lá na Estação aparecia uma luz muito grande, que andava na linha do trem depois da meia noite. Várias pessoas que moravam vizinhas à linha do trem já tinham visto a tal luz.

Certo dia, ou melhor, certa noite, o irmão da Severina, o Tonho, encheu a cara e estava tontinho. No efeito do porre ficava

valente e naquela noite, falou para todos em casa que ia na Estação para encontrar a assombração que aparecia lá, em forma de luz. Pegou um pedaço de pau e saiu decidido. A mãe, Sá Nica, tentou argumentar com ele para que não fosse:

- Vai não, Tonho! Se essa luz aparece e você tonto do jeito que está, não consegue nem correr...

- Vou sim... e, se essa luz aparecer, vou lhe dar uma surra de pau – retrucou o rapaz.

- Mas, Tonho, de que adianta pau pra bater em assombração? Você não acerta ela não! Ainda mais que é luz...

- Não acerta o quê! Vou quebrar esse pau nela... – concluiu o rapaz e saiu à caça da tal “luz fantasma”.

Cerca de uma hora depois, Tonho estava sentado no trilho do trem, esperando pela “luz assombração”. Passou uma hora, duas e nada. Já era mais de meia noite quando avistou uma luz se aproximando. Levantou-se, armou a paulada e ficou esperando a “luz fantasma” chegar mais perto. À medida que se aproximava, a luz ficava maior e o medo do Tonho também. Mas permaneceu ali, firme. Quando a luz estava bem pertinho, Tonho viu uma silhueta atrás dela. Uai! Esfregou a vista e olhou de novo. Constatou que a “luz assombração”, na verdade, era o guarda da linha férrea com uma lanterna bem grande, verificando os trilhos do trem. O guarda acabou por acompanhá-lo de volta para casa boa parte do caminho. No dia seguinte, Tonho contou para todo mundo que não existia nenhuma “luz fantasma”, era só o guarda da Estação.

Naquele tempo, as pessoas que buscavam lenha nas terras do Sr. Osório André (Andrezão) falavam que aparecia um “corpo seco”, numa clareira dizendo: “Não leva minha lenha, não!” Antes de ver a assombração, diziam que escutavam barulho como se alguém tivesse cortando lenha. Falavam também que, no meio do mato, havia uma cova e eles achavam que alguém tinha sido enterrado ali. Em volta da cova estava sempre limpo, como se

alguém tivesse varrido o local.

Antigamente, falava-se que, quando alguém morria numa casa de aluguel, aquela casa nunca mais era alugada, pois o povo falava que a alma da pessoa morta ali sempre voltava.

Quando Sá Nica teve que sair da casinha da Vila Vicentina, procurou um lugar para alugar. Acabou arrumando serviço para si e para seu filho mais velho com o Sr. Mendes, que nessa época plantava e serrava eucaliptos. Sá Nica iria ajudar a esposa do Sr. Mendes com os afazeres domésticos e o rapaz iria ajudá-lo com os eucaliptos. Em troca dos serviços prestados, toda família receberia alimentação: café, almoço e janta. Mas onde morariam? A esposa do Sr. Mendes disse que havia uma casa desocupada ali em frente. O dono dava para a pessoa morar, sem precisar pagar aluguel, só para tomar conta da casa. Sá Nica, mais que depressa, procurou o homem, que lhe arrumou a casa e ela mudou logo. Já na primeira noite que passaram na casa, Sá Nica e seus cinco filhos ouviram muito barulho na cozinha, como se alguém tivesse derrubando tudo: bacia, panela, talheres... Mas ninguém teve coragem de se levantar e ir na cozinha ver o que era. Na manhã seguinte, tudo estava no seu devido lugar. E foi assim muitas noites. A família entrava para o quarto na hora de dormir e trancavam a porta. Todos dormiam num mesmo colchão, agarrados uns aos outros. Como o banheiro era uma privada do lado de fora da casa, usavam como pinico um litro vazio que pegavam no posto, onde hoje é o Posto do João Rubens, e cada um tinha o seu litro.

Certo dia, Sá Nica comentou com a mulher do Sr. Mendes que não estava mais aguentando ficar naquela casa; ela e seus filhos estavam com muito medo, pois tinha uma assombração que fazia barulho na cozinha todas as noites. A mulher falou para Sá Nica que, naquela noite, iriam juntas entrar na cozinha da casa, levando Severina, que era “anjo”, água benta, velas acesas e rezando o terço. Lá pelas 9 horas da noite, come-

çou o barulho na cozinha e, as mulheres com água benta, velas e terços nas mãos, entraram na cozinha rezando. Quando abriram a porta, se depararam com um gato preto enorme, andando pelas paredes. Assim que a porta se abriu, ele olhou para elas com os olhos vermelhos e desapareceu como num passe de mágica. Sá Nica não quis saber de ficar na casa de jeito nenhum, mudou-se no outro dia.

Depois de um tempo, a mulher do Sr. Mendes disse para Sá Nica que naquela casa havia morrido uma velha, na cozinha. Parece que a tinham encontrada morta e já seca. E, desde então, ninguém havia conseguido morar lá, por causa dos barulhos na cozinha à noite. Por fim, acabaram demolindo a casa.

Havia aqui em Areado um homem muito peludo. Ele morava nos fundos de uma casa, perto do Alto do Cruzeiro. As pessoas falavam que ele virava lobisomem na quaresma, em agosto e nas noites de lua cheia. A criançada “pelava” de medo do homem. Assim que o viam, saíam correndo e gritando. O coitado até tentava puxar conversa com as pessoas, mas todos excluía o coitado por causa dos boatos.

(Fonte: Severina Maria Rosa)

O HOMEM PRATEADO

Como todo dia, Sabino, um homem da roça, voltava tarde da beira do lago, mais especificamente, à meia noite, onde colocava iscas e redes na esperança de conseguir algum peixe, quando passou perto do morro onde ficava a fazenda de um amigo. Sabino continuou andando, as árvores estavam com um aspecto assustador, pelo menos para a mente do velho Sabino, como toda mente humana que distorce as coisas. Sabino, então, olhou rapidamente para o morro, e se assustou.

Uma coisa branca, quase prateada, descia calmamente pela trilha de terra que ligava à estrada. Achando que aquela figura era o cão do seu amigo, Titã, ele estranhou, já que o dono não costumava soltá-lo naquela hora:

- O que o Titã está fazendo aqui nessa hora da noite?

Mas depois dessa observação, Sabino continuou andando. Quando chegou no começo da trilha que levava à sua casa, embaixo do barranco onde ficava a estrada que seguia para outra direção, do lado do morro do vizinho, ele descobriu que a silhueta era na verdade um humano: eis que surgiu um homem prateado, que o ficou observando, de cima, o rosto impassível, brilhando. Sabino continuou andando, no entanto, estava apreensivo quanto à figura. Quando ficou a dois metros de distância de onde o homem brilhante estava, ele se virou, com medo do que iria encontrar. Não havia mais nada, nem nos lados, nem no pé do morro. Ele se virou e continuou andando pelo seu caminho, quase indiferente, caso alguém o visse fisicamente. Na mente, no entanto, ele não esqueceria isso facilmente, e estava profundamente abalado... Seria um fantasma?

(Antônio Augusto de Oliveira)

REDEMOINHO FANTASMA

Certa noite, um homem, muito amigo de um velho da região, chamado Belardo, saiu da casa do tal amigo. Ele era baixo, tinha nascido com uma deficiência na perna, o que o obrigava a andar ajoelhado e com as mãos no chão, e era invocado, o que, aliás, foi a sua ruína. O bondoso senhor, com medo do que aconteceria com Belardo, lhe pediu para dormir na casa dele naquela noite, já que, naqueles tempos, havia muitas assombrações pelas estradas. Belardo, que estava invocado naquela noite fatídica, recusou o meio convite, meio aviso, montou no cavalo – e eu me pergunto como ele fazia isso, já que ele tinha deficiência na perna? – e foi andando pela trilha que levava à estrada, com a espingarda nas costas, o pequenino canivete na cintura, e a coragem, já desmoronando, no coração...

Havia, no meio dessa estrada, uma pequena mata, com uma ravina no meio. Belardo continuou andando quando a avistou, já com vontade de voltar correndo, tamanha era à escuridão daquela noite, uma coisa que faria até o mais bravo dos homens enlouquecer. Mas, já era tarde, e o destino do homem já estava traçado. Ele entrou nela, observando, amedrontado, as imagens medonhas que sua mente fazia a cada tronco, folha e barulho que passava. Foi então que chegou à ravina, uma grande cicatriz, se olhada de cima, na pele da terra. Podia ser até retratada como uma ferida aberta, graças à terra vermelha que cobria o chão do fundo do vale. Foi aí, quando a sua sanidade estava se esvaindo, que ele avistou um pequeno redemoinho. Mesmo assim, mesmo com o coração aos pulos, ele esperou o redemoinho, que achava ser uma assombração, ir embora. Como não foi, ele puxou sua velha espingarda das costas, já com a mente destruída por causa do medo profundo, e fez mira no estranho fenômeno. Assim que puxou o gatilho, ele desmaiou. Só teve tempo de ver que estava sendo transportado velozmente por alguém, ou melhor, *alguma*

coisa...

A mãe de Belardo ouviu o relincho conhecido do velho cavalo, e, preocupada com o filho, sabendo que vinha sozinho pela estrada, foi olhar pela janela.

O cavalo vinha sozinho. Mas e o rapaz, onde estava?

Ela, que já estava paranoica com a situação, acordou filhos e marido, e, após as explicações, todos rumaram para a casa do velho amigo, onde Belardo tinha ido naquela noite “prosear”. Ao chegar lá, o senhor, também preocupado com o paradeiro do Belardo, respondeu, tentando afastar a culpa de si:

- Eu o avisei para ficar aqui, mas ele insistiu e foi embora.

Todos começaram a procurar, imaginando o terrível destino do amigo e parente, até que deram três horas da tarde do dia seguinte e Belardo tinha sumido da face da Terra depois daquela fatídica noite. Por que fora pela mata assombrada?...

Mas é claro, se ele não tivesse sobrevivido, essa história não estaria aqui, neste papel, agora.

O homem acordou, atordoado, com as lembranças da noite anterior, fazendo-o suar. Estava todo ferido, com rasgos na pele e no duro colete que portava, além de estar com fome e com sede. E foi aí que ele percebeu, com assombro, que estava em cima de um enorme jequitibá. Ele começou a se lamentar, mas por sorte, havia um cipó ali, que Belardo usou para descer, raspando suas costas no percurso. Foi para casa, se arrastando, onde contou a história para parentes e amigos. No entanto, morreu em oito dias devido aos ferimentos que a coisa, seja lá o que fosse, deixara...

(Antônio Augusto de Oliveira)

A VELHA E O CAVALO

Em uma madrugada, um homem saía da casa de sua namorada muito tarde. O pai dessa mulher disse a esse moço, temendo pela vida dele, por causa do lugar em que ia passar o jovem:

- Não passe pela Mata das Almas, cuidado com as assombrações!

A Mata das Almas servia como um cemitério improvisado naquela região, muito escuro de noite, por causa das árvores em volta, que cobriam a luz que a lua lançava, e sombria até mesmo quando havia sol. Muitos diziam ver fantasmas lá de dia mesmo, vagando pelo lugar.

Em resposta, o arrogante rapaz, de vinte e poucos anos, se auto intitulando corajoso, respondeu com uma espécie de desafio:

- Se vier uma assombração, que pule na minha garupa!

E saiu galopando com seu velho cavalo cinzento, cantarolando uma música, pela estrada escura e tenebrosa, ignorando os gritos de aviso do velho...

Assim que chegou na Mata das Almas, o ponto em que duas estradas convergiam, viu que, em cima do barranco ao lado, havia uma velha. Ele, já desconfiando do que ela era, ficou nervoso. Quando se aproximou, viu que ela tinha os dentes todos torcidos para fora, em um sorriso macabro, para os poucos aventureiros, bem poucos, que naquela hora da madrugada por ali passassem. A velha pulou na montaria do jovem, que já estava muito assustado com a situação, e, ao mesmo tempo, as costas do rapaz foram queimadas misteriosamente. O jovem tentava acelerar seu velho companheiro, na pressa de se livrar daquele horrível pesadelo, daquela horrorosa carga adicional que sua montaria tinha recebido, daquela companheira de viagem assustadora, mas a velha era muito pesada e, junto com o peso do passageiro inicial, o garanhão não tinha forças. Mas com muito

esforço, o cavalo alcançou a propriedade do jovem, em uma viagem que tinha parecido não ter fim, onde a velha gargalhava a toda hora e queimava as costas já enegrecidas do rapaz, quase o levando à loucura máxima que o medo extremo provoca. O jovem desceu da montaria e foi para a porta, chamando a mãe, meio correndo, meio se arrastando, em desespero, com medo de olhar para trás:

- Mãe, abre a porta, mas não traz a luz, não!

- Já vai! Já vai! – disse a mãe, irritada, quando ouviu a primeira parte da frase, mas se calou, entendendo o fato quando ele terminou a frase, já que, naquela época, acreditava-se que aquele que visse uma assombração não podia ver luzes por um tempo, senão desmaiava, uma dessas crendices antigas que, mesmo sem sentido, todo mundo acreditava.

Assim que a mãe abriu a porta, o jovem teve uma imensa vontade de olhar para trás, justo quando as gargalhadas tinham parado magicamente, para o alívio do homem...

Quando o jovem olhou para trás, cauteloso e com medo, o cavalo estava lá, desmaiado na grama, quase morto, e a velha se fora, no entanto, somente alguém superveloz poderia ter desaparecido da vista assim tão rápido...

(Antônio Augusto de Oliveira)

MEDO DE ALTURA

A raça humana é muito diversa e cheia de peculiaridades. Existem diferenças na pele, nos cabelos, mas uma das variações que mais chamam a atenção é a estatura. Ninguém passa despercebido sendo muito alto.

Muitos anos atrás, havia em Areado um homem muito alto, passava dos dois metros. Todos na cidade o conheciam. Ele tinha o costume de ir à missa todos os domingos de manhã, isso era sagrado.

Numa ocasião, o padre de Areado foi transferido para outra cidade, vindo, então, outro sacerdote para cá, que não conhecia o cidadão mais alto daqui.

Como era de costume, o homem foi à missa no domingo de manhã. Durante a celebração da missa, todos estavam sentados e, num dado momento, o padre pediu que todos se ajoelhassem para uma oração. A igreja inteira obedeceu ao padre que, do altar, tinha uma visão panorâmica de todos e ficou intrigado com um homem que permanecia de pé. O padre novamente pediu que todos ficassem de joelhos, pois era uma oração muito importante e disse que era um desrespeito permanecer de pé. O homem continuava de pé. “Será que era surdo ou tinha algum problema mental?”, pensou o padre. Desconfortável com o desrespeito do homem, o padre resolveu ralhar com ele do altar, para que todos ouvissem:

- Meu senhor, por favor, ajoelhe-se diante de Deus para que possamos iniciar nossa prece... – o homem continuava de pé e o padre, já irritado, insistiu – Você aí, na segunda cadeira da quinta fileira, estamos esperando você se ajoelhar para começarmos a prece...

Então, o homem, que na verdade já estava ajoelhado, se levantou e ficou de pé, com seus mais de dois metros de altura.

O padre todo desconsertado e até com certo receio, devido a alta estatura do homem, fez sinal para que se ajoelhasse novamente:

- Pode se ajoelhar, amigo... Pode se ajoelhar...

A partir dali, ninguém mais prestou atenção na prece ou no restante da missa, segurando para não rir.

O padre acelerou os ritos da missa e saiu chispando da igreja. Só no domingo seguinte que cumprimentou os fiéis, inclusive o homem alto.

A PORCADA DO COMPADRE

Havia na região um fazendeiro muito rico, mas muito avarento, chamado Chico Borges. Era desses que passaram muitas dificuldades na infância e, agora que tinha dinheiro, vivia economizando de tudo, por medo de ficar pobre de novo. Na sua fazenda havia criação de galinhas, vacas leiteiras, muitos porcos, alguns cavalos, patos. Porém, o fazendeiro queria economizar até no trato dos bichos. As galinhas recebiam alguns grãos de milho cedo e, depois tinham que procurar o que comer pelos pastos. Com os outros animais não era diferente. Os porcos ficavam num mangueiro, onde crescia algum capim, mas não era suficiente para engordá-los. Coitados, ficavam fuçando no barro e grunhindo o dia inteiro.

Se o fazendeiro queria economizar com os bichos, imagina com os funcionários. Tinha só dois para cuidar de tudo e não ganhavam o salário merecido. Pagava só uma “tutameia” para os coitados.

Como se não bastasse, ultimamente, além de sovina estava surdo feito uma porta. Como não ouvia direito e, sistemático que era, deu de não conversar quase nada.

Chico Borges era casado com D. Cesarina, com quem tinha quatro filhos. Três deles eram casados e moravam na cidade. Mariquinha era a mais velha e não tinha arrumado casamento. Vivia solteirona na fazenda com os pais.

Vizinho à fazenda, morava o compadre Laurindo. Esse compadre tinha uma horta de verduras e legumes, mais umas bananeiras de toda qualidade: prata, nanica, da terra, maçã... Dali colhia os produtos que vendia na feira todos os domingos. Quem o ajudava era o filho Firmino, que era afilhado de Chico Borges e D. Cesarina.

Certo dia, o fazendeiro sentou-se na varanda da casa e ficou olhando os porcos fuçando e grunhindo. Aquilo o deixou

cismado e chamou o capataz:

- Ô, Mariano! Cê num tá dano o mio pros porco?

- Tô sim, Seu Chico, aquele tanto que o senhor mandou dá – respondeu o empregado.

- A Cesarina tá recramano muito desses porco, que tão chorano dimais...

- Puisé, Seu Chico, eles tão chorano muito memo. Pode pô mais trato? – perguntou o homem.

- Dá lavage, mio num dá mais não que tá caro...

- Lavage D. Cesarina disse que num tá temo, praquê o senhor mandou diminui a cumida tamém – explicou o funcionário.

- Eh, trem custoso! Faz ansim: hoje, antes docê ir embora, sorta os porco, porque aí eles pastam nesses mato aí de noite.

- Tá bão, Seu Chico – entendeu o empregado.

E, antes de ir embora, o empregado deixou a porteira do mangueiro aberta.

No dia seguinte, o fazendeiro, a mulher e a filha estavam tomando o café da manhã, quando o empregado chegou na porta da cozinha gritando:

- Seu Chico! Seu Chico!

- Que qui é, Mariano!? – respondeu ele nervoso com os gritos.

- Os porco do senhor invadiro a horta do compadre Laurindo e cabaro com tudo...

- Pel'amor de Deus! É capaz do cumpadi criá marquerência comigo por causa disso! Vai lá, Mariano, e num fala pr'ele que eu mandei deixá a porteira do mangueiro aberta não... fala que os porco fugiu e recoie eles de novo.

Mariano pediu ajuda ao outro empregado e fecharam os porcos num instante. Falaram para o Sr. Laurindo que os porcos tinham fugido e que o compadre Chico tinha mandado pedir desculpas. O homem aceitou as desculpas, afinal, essas coisas

acontecem...

Chico Borges, contrariado e envergonhado, passou dias sem sair nem no “terrero”. D. Cesarina ficou muito zangada com ele e soltou os cachorros nele, falou o bicho.

Passou quase um mês do acontecido e o fazendeiro estava sentado na varanda, de tardezinha, quando passou na estrada, a uns 50 metros da casa, o afilhado Firmino, filho do Laurindo, que era dono da horta que os porcos destruíram. Todo mundo já tinha esquecido a história dos porcos, mas Chico Borges ainda estava remoendo a situação. O rapaz, assim que viu o fazendeiro, acenou:

- Bença, padrinho! O senhor tá bão?

- Vamo tintiano... – respondeu ele sem nem olhar direito pro moço.

- E o povo do senhor aí, todo mundo bem? – perguntou o rapaz, notando que o padrinho estava constrangido por causa da história dos porcos.

- Fechei tudo, pamodi num fica fuçando horta dos outro, dando amolação pra gente...

- Madrinha Cesarina melhorou do resfriado? – insistiu o moço, demonstrando que ninguém tinha ficado com raiva por causa do acontecido.

- Mandei capá e botei na ceva. Tá engordando que tá uma beleza!

O rapaz sabia que o padrinho estava meio surdo, não deu importância para sua resposta e continuou:

- E a Mariquinha?

- Não capei, não. Tá meio erada, mas pode ser que ainda pegue cria...

Depois dessa, Firmino não perguntou mais nada e seguiu seu rumo.

CONHECENDO A MORTE

Pelo início da década de 1960, Sá Nica, uma benzedeira viúva que tinha 5 filhos, sendo a mais nova chamada Severina, com 8 anos, morava no fim da “Rua do Bambu” (Bairro São Vicente). Lavava roupa e fazia faxina para sustentar os filhos; também costumava pedir esmolas para sobreviver. A mulher passou por muitas dificuldades para criar seus filhos, mas os educou com muita sabedoria.

Nesta época, Sá Nica morava com os filhos numa casa onde, em cada cômodo, habitava uma família. Era muito apertado e desconfortável, mas era o que ela podia pagar.

Certa ocasião, morreu uma menina de 10 anos, vizinha da família de Sá Nica. A menina já era doente a muito tempo e tinha uma boneca de papelão, da qual não se separava. Severina, a filha caçula de Sá Nica, com 8 anos na época, vivia pedindo para a menina deixá-la brincar um pouco com sua boneca ou ao menos pegá-la. A menina nunca deixou. Quando ela morreu, Severina teve esperança de ficar com sua boneca. Foi até a casa da menina e pediu que a mãe dela a deixasse ficar com a boneca. A mulher lhe fez uma proposta: se ela lhe levasse um pacote de macarrão, poderia ficar com a boneca. Mais que depressa, Severina foi até uma venda, onde costumava pedir coisas, falou para o dono que era seu aniversário e que queria um pacote de macarrão, para que sua mãe fizesse para comemorar. O homem, que sabia da pobreza da família, lhe deu o pacote de macarrão. Severina correu até a casa da vizinha e lhe entregou o macarrão, recebendo de suas mãos a tão sonhada boneca de papelão. Foi correndo contar para sua mãe e a encontrou lavando roupas. A menina achou que a boneca estava meio suja e resolveu lhe dar um banho. Colocou a boneca numa bacia com água e foi buscar um pano para enxugá-la. Quando voltou, a boneca tinha sumido. Foi correndo contar para sua mãe, chorando:

- Mãe, a “fulana” nunca deixou eu brincar ou pegar a boneca dela, e nem agora, depois de morta, ela me deixa ficar com a boneca. Fui dar banho nela e ela sumiu...

A mãe olhou na bacia, viu no fundo o papelão dissolvido e disse a Severina:

- Não, minha filha, a boneca não sumiu, não, dissolveu... olha só... não podia pôr na água, pois era de papelão... e papelão, quando molha, derrete...

- Então a boneca também morreu?

- Pode se dizer que sim...

- Mas, mãe, o que é a morte? Que jeito que ela leva as pessoas?

- A morte é uma velhinha, de cabelos bem brancos, curvadinha e que tem uma machadinha na mão. Para levar as pessoas, ela dá um golpe de machadinha na cabeça e pronto, a pessoa morre... – inventou Sá Nica.

Passaram algumas semanas, Sá Nica e Severina foram buscar lenha numa clareira perto de onde moravam. Severina se afastou um pouco da mãe para apanhar alguns pauzinhos de lenha. De repente, viu uma velha de cabelos bem brancos, agachada, cortando lenha com uma machadinha. A menina, branca de medo, saiu correndo, gritando e se escondeu debaixo da saia da mãe. Sá Nica ralhou com a filha, mas não adiantou, a menina continuava a chorar e gritar:

- É a morte, mãe! Ela veio me buscar!

A velha, preocupada com a gritaria e o choro da menina, foi chegando mais perto para perguntar o que estava acontecendo. Severina, quando viu a velha se aproximando, saiu de debaixo da saia da mãe e foi correndo para casa, correndo e gritando. A velha chegou perto de Sá Nica e lhe perguntou:

- Nossa! O que aconteceu com a menina? Algum bicho mordeu ela?

- Não – respondeu Sá Nica com um riso amarelo; como explicar para a mulher que a menina estava com medo dela? E pior, por que estava com medo dela? – Ela se assustou com a senhora... – disse, depois de um tempo.

- Uai, por quê será?

- É que eu disse pra ela que a morte era uma velhinha, corcunda, de cabelos bem brancos, que tinha uma machadinha na mão... Para levar as pessoas, ela dava um golpe de machadinha...

- Nossa, minha filha! Tadinha da menina! Imagino o medo que ela deve estar agora... Onde já se viu você falar uma coisa dessas pra ela, inventar uma mentira dessas... Isso não se faz... Conte as

coisas direito pra menina...

Sá Nica, muito constrangida, pediu desculpas para a mulher e foi para casa. Chegando lá, chamou e procurou Severina; e sabe onde ela estava? Escondida, toda encolhida, debaixo da cama, tremendo e chorando. Quando viu a mãe, saiu e veio correndo abraçá-la:

- Graças a Deus a morte não levou a senhora! Ela queria me pegar igual pegou a vizinha, dona da boneca de papelão, mas eu corri e me escondi... Só que quando cheguei aqui, fiquei pensando: “e se ela pegar minha mãe?”, mas não tive coragem de voltar e fiquei rezando pra ela não levar a senhora... A senhora também conseguiu fugir, graças a Deus...

A mãe colocou a menina no colo e esclareceu:

- Não, minha filha! Aquela mulher não é a morte. Eu falei pra você que a morte era uma velha, corcunda, com uma machadinha na mão, porque, na hora que você me perguntou, eu não sabia o que dizer. Mas a morte não é uma pessoa, é um acontecimento. Quando a pessoa está muito doente ou sofre um acidente, o corpo dela para e ela morre. Mas a alma da pessoa não acaba junto com o corpo. Se ela foi uma pessoa boa, sua alma vai direto para o céu; se foi uma pessoa não muito boa, vai para o purgatório, onde é purificada dos seus pecados para alcançar o céu; se a pessoa foi ruim, vai direto pro inferno... Me desculpe por ter inventado essa história! Coitada daquela senhora lá no mato! Ela estava só pegando lenha igual a gente, não faz mal pra ninguém...

Severina compreendeu tudo que a mãe lhe falara, mas naquela noite ardeu em febre por conta do susto que levou. Acabou vendo a velha outras vezes, mas não se assustou mais e nem teve medo dela.

(Fonte: Severina Maria Rosa)

A PERDA DO DEFUNTO

Por muitos anos, nas décadas de 20 a 60, havia em Areado o “caixão das almas”, ou seja, um caixão comunitário, usado por aqueles que não tinham recursos para comprar um caixão. Funcionava assim: se o morto fosse da zona rural, as pessoas o traziam em banguês até um ponto estratégico, dependendo do bairro rural, onde o morto era colocado no caixão comunitário e o cortejo seguia até o cemitério, onde o defunto era “lançado” dentro da cova; se fosse da zona urbana, eles levavam o caixão na casa dele, onde o colocavam dentro e o levavam para o cemitério, onde o “despejavam” na cova.

Quando uma pessoa morria, o fabricante de caixões era avisado. Então, ele ia até a casa do morto para tirar as medidas do caixão, quando necessária uma produção específica. Quando o morto tinha uma estrutura corporal normal, os caixões eram padronizados. Se a pessoa não pudesse mandar fazer um caixão, o pessoal responsável pelo “caixão das almas” era avisado e o lugar de colocar o morto no caixão era combinado.

Os velórios eram realizados em casa. Colocava-se o defunto em cima de um banco de madeira ou em cima de uma mesa e acendiam velas nos quatro cantos. Costumava-se passar a noite velando os mortos. Mesmo que a pessoa morresse pela manhã, enterravam-na só no dia seguinte. As pessoas passavam a noite rezando pela salvação do morto e os homens “bebiam o morto”, que nada mais era que beber cachaça em honra do morto. E, de manhã, acontecia o enterro. O defunto era colocado no banguê para ser levado até a cidade, onde era posto no caixão; ou, se morasse na cidade, era colocado diretamente no caixão. Durante o cortejo, tanto para chegar à cidade, quanto até ao cemitério, as pessoas iam na frente e o defunto atrás de todo mundo, por último.

Certo dia, morreu um homem no bairro Cruzes e o velório

aconteceu nos conformes: muita reza e bebida em honra do morto. Na manhã seguinte, colocaram o defunto no banguê e rumaram para a cidade. Os homens, que era os que carregavam o morto, estavam bem tontos, pela cachaça e pelo sono. Todos caminhavam rumo à cidade e os homens que carregavam o banguê com o defunto atrás. O caixão estaria esperando no “Dr. Chiquinho” (uma fazenda próxima à entrada da cidade, para quem está vindo de Alterosa). Quando chegaram ao local, foram colocar o morto no caixão e... uai, cadê? O defunto não estava no banguê. Então, todos retornaram pela estrada, procurando o morto. Só foram encontrá-lo pela metade do caminho, numa cava funda, caído de bruços, dentro de uma vala. Colocaram ele no banguê e pegaram, de novo, o caminho para cidade; mas aí, quem levou o banguê com o morto foram homens que não estavam tão embriagados. E, finalmente, o coitado do defunto foi sepultado em paz.

(Fonte: Severina Maria Rosa)

TEM DINHEIRO NO JAPÃO

Antigamente, as mulheres viúvas enfrentavam muitas dificuldades para criarem seus filhos, principalmente, se fossem pequenos. Naquele tempo, as mulheres ajudavam seus maridos nas suas tarefas e/ou cuidavam dos afazeres domésticos e dos filhos. Os únicos serviços que desempenhavam fora de casa, sem seus maridos, eram de doméstica ou de lavadeira. Por isso, era muito comum que as viúvas pedissem esmolas para sobreviverem com seus filhos, pois, mesmo fazendo faxinas, cozinhando ou lavando roupas “pra fora”, o que ganhavam não era suficiente, porque as pessoas pagavam muito pouco para fazerem essas atividades domésticas.

Nessa época, Sá Nica, que ficara viúva um tempo atrás com 5 filhos, havia alugado um cômodo de uma casa para se abrigar com eles. Mas, aconteceu que todos seus filhos contraíram catapora, menos a caçula, Severina, que tinha 8 anos. A mulher não podia sair para esmolar e nem para trabalhar, porque precisava cuidar dos filhos doentes. Os dias passaram e o dia de pagar o aluguel chegou, mas Sá Nica não tinha o dinheiro. Quando o dono veio receber, a mulher explicou sua situação. Porém, o homem era muito avarento e ganancioso, e deu um prazo de 3 dias para ela arrumar o dinheiro do aluguel. Era sexta-feira e, até na segunda-feira, ela tinha que pagá-lo, senão seria despejada. Naquela noite, Sá Nica não dormiu, pensando numa solução. No dia seguinte, estava muito abatida e chorosa pensando: “se eu não arrumar o dinheiro, amanhã por estas horas estarei na rua com meus filhos que, além de tudo, estão doentes”.

Severina, percebendo a aflição da mãe, pensava numa forma de ajudar. Então, comentou com uma amiguinha que precisava arrumar dinheiro até segunda-feira. A menina abriu um largo sorriso e disse à amiga:

- Eu sei como ajudar. Dizem que lá no Japão tem muito dinheiro. Então, é só você ir lá no Japão e buscar.

- Mas onde é esse Japão? – quis saber Severina.

- Minha mãe falou que fica do outro lado do mundo...

- Do outro lado do mundo? Será aqui em baixo? – perguntou Severina, apontando para o chão – Será que se a gente cavar a gente chega no Japão? – se animou a menina.

- De certo sim... não custa tentar...

Severina foi correndo para casa. Pegou o enxadão que o irmão usava na roça e foi até um descampado não muito longe de sua casa. Chegando lá, olhou ao redor para escolher o lugar em que ia cavar. Olhou, olhou e decidiu cavar um buraco de tatu que estava abandonado. Havia chovido na noite anterior e a terra estava “molinha”. Severina começou sua tarefa de chegar ao Japão. Foi cavando, cavando, cavando... Quando cavou uns 50 centímetros, mais ou menos, começou a escutar um ruído: “Será que cheguei no Japão? Pode ser uma porta! Vou cavar mais depressa, daí eu chego na porta, toco a campainha e peço o dinheiro pra minha mãe pagar o aluguel”...

Enquanto isso, Sá Nica notou o sumiço da filha. Perguntou para o filho mais velho, Tonho, se ele tinha visto a irmã. Como disse que não, a mulher resolveu procurar a menina e o filho, por precaução, foi junto. Procurando pelos lugares que a menina costumava ir, escutaram barulho de alguém cavando e começaram a chamar:

- Severina! Onde você está?

A menina respondeu e parecia estar ali perto. Correram até o descampado e a encontraram cavucando:

- Que é que você está fazendo aí, menina?

- Estou quase chegando no Japão... Acho que tem uma porta aqui embaixo, tô escutando até o barulho da campainha, sininho parece... – respondeu a menina.

- Pra quê você quer chegar no Japão?

- Dizem que lá tem muito dinheiro. Se eu chegar lá, peço dinheiro pra mãe pagar o aluguel. Escuta só pra vocês verem...

Tonho se aproximou do buraco e escutou mesmo um barulho que parecia toque de sino abafado. E disse para Severina:

- Me dá o enxadão pra eu cavar um pouco...

A menina entregou a ferramenta ao irmão que, com mais duas enxadadas, desenterrou uma cascavel enorme. Aproveitou o enxadão para matar a cobra. A menina e a mãe, ainda se recuperando do susto, se abraçaram e a mãe agradeceu a Deus pela menina não ter sido picada pela cobra peçonhenta. E todos voltaram para casa. Severina estava muito triste e decepcionada por não ter conseguido chegar ao Japão e ajudar sua família.

Porém, de tardezinha, o dono da casa apareceu para falar com Sá Nica. Ficou sabendo da quase tragédia que aconteceu com Severina. Com a consciência pesada por ter ameaçado despejar a família do cômodo, deu prazo, até que Sá Nica voltasse a trabalhar, para poder pagar o aluguel.

Ufa! Finalmente a família poderia dormir sossegada naquela noite, depois de um susto tão grande.

(Fonte: Severina Maria Rosa)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: ZEZINHO

José Leopoldo da Silva, mais conhecido como Zezinho, quando jovem tinha uma força descomunal: levantava uma saca de café com os dentes. No entanto, jamais levantou um só dedo contra qualquer pessoa. Não era de briga e adorava os amigos, aos quais dedicou sincera amizade durante toda sua humilde vida. Guardava fotos daqueles a quem queria bem, com muito carinho.

Em menino, vítima de uma meningite, ficou surdo e quase mudo. Falava aos socos, num linguajar original e diferente e, assim, conseguia se comunicar. A maioria das pessoas o compreendia razoavelmente e algumas, de maneira total.

Zezinho era muito estimado na cidade e gostava de comparecer aos casamentos e enterros.

Conta-se que, certa vez, Zezinho foi ao casamento de Lourdes Ferreira, filha de D. Bitá e de Joãozinho Nanetti, de Machado. O casamento foi em Aparecida do Norte. Depois da cerimônia, os convidados passaram por São Lourenço e, junto com eles, estava o Zezinho.

No hotel, os hóspedes ouviram aquele seu modo estranho de falar e foram se achegando, com curiosidade. Os rapazes da família da noiva resolveram fazer uma brincadeira e mentiram que o Zezinho era originário de um país sul africano e estava em visita ao Brasil. Todos ficaram encantados e o aplaudiram. Quando a turma do casamento foi embora, os turistas deram muitos vivas ao negro “sul africano”.

Na verdade, Zezinho era descendente, em linha direta, dos negros da África, através de seus pais, Marianinha e Ismael Leopoldo. E, se compararmos sua foto com a foto do líder sul africano Nelson Mandela, notaremos a incrível semelhança entre os dois.

Embora pobre, Zezinho possuía qualidades que tem um grande homem: humildade, coragem, honestidade e pureza de coração.

(Anita Soares)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: JOÃO MULATO

João Mulato era um velho carreiro, que morava no Dedanca (Bairro Rosário) e gostava de participar das congadas.

Naquela época, depois de trabalhar quase toda vida na roça, a aposentadoria era morar na Vila Vicentina (Lar São Vicente de Paulo), onde fazia pequenos serviços como: capinar a horta, rachar lenha, matar porco etc.

Sua mulher, Siá Claudina, era parteira e ajudava o marido.

Já na velhice, João Mulato teve uma doença que o impossibilitava de andar: a ptose palpebral bilateral, que é a queda das pálpebras sobre os olhos. Doença congênita, mas que, no caso dele, foi adquirida devido lesões dos nervos oculares, com comprometimento dos músculos elevadores das pálpebras.

João Mulato procurou médicos e farmacêuticos, fez promessas e benzimentos, apelou até para o João Ruela (famoso curandeiro de Areado), mas não obteve cura. Só conseguia andar pelas ruas, amparando as pálpebras com as mãos, para manter os olhos abertos. Por causa do seu problema, vivia triste e não fazia mais parte das congadas.

Certo dia, João Mulato apareceu com uma “borracha” ao redor da cabeça, franzindo-lhe a pele da testa, para elevar as pálpebras e, assim, conseguir enxergar.

Vejam só, sua criatividade! Não foi orientação médica, foi uma ideia sua mesmo. Embora não existisse, naquela época, a cirurgia plástica para fazer a correção, ele inventou um suporte de “borracha” e encontrou um recurso próprio para enxergar.

Viveu feliz ainda por muito tempo e voltou às congadas.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: ISMAEL LEOPOLDO

Ismael Leopoldo era carcereiro e morava na Rua Tiradentes, perto da caixa d'água.

À noite, quando ainda não havia luz elétrica na Vila, batia as horas no sino da cadeia velha.

Do seu pequeno salário não dava para sobreviver, por isso, resolveu ser “curandeiro”. A sua primeira iniciativa foi adquirir um anel, tipo popular, com uma pedra verde, que ostentava no dedo indicador da mão direita. Dizia-se doutor.

O seu trabalho espiritual era inferior ao de João Ruela (famoso curandeiro de Areado). Preparava garrafadas, arranjava casamentos e outras coisas mais relacionadas à magia. Por isso, era muito procurado e tinha boa clientela.

Certa vez, ele apareceu na farmácia do papai (Dr. Álvaro Faria Pereira) e disse:

- Sô Arvo, estou passando mal, com uma dor de lado, na costela... vê se me arranja um remédio bom.

Meu pai entrou no laboratório da farmácia, arranjou um vidro de 60ml, colocou essência de Terebentina e colocou no rótulo a informação “USO EXTERNO”, dizendo:

- Não é para tomar, somente para passar onde doi.

Depois de três dias, o Ismael apareceu na farmácia todo feliz:

- Estou bom, Sô Arvo, que remedinho santo...

Daquele dia em diante, todos os dias apareciam receitas do Ismael, prescritas assim:

**“Para o fulano de tal
USO EXTERNO – 1 vidro.**

Não é para tomar, só para passar onde doi.”

E ainda indicava: “Em nenhuma outra farmácia tem do tal remédio, só na Farmácia do Sô Arvo”.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: ANDRÉ ZEBU

André Zebu andava sempre curvado, trazendo nas mãos um porrete e uma caneca para beber café ou leite, que lhe davam. Gostava mesmo era de café com pão.

Tinha uma enorme cabeça (macrocéfalo). Foi um tipo popular conhecido em Areado e nas cidades vizinhas. O seu apelido de Zebu era devido ao seu aspecto bovino, possuindo uma enorme corcunda (cifose), que parecia um cupim de zebu; tinha dois dentes caninos inferiores que ficavam expostos, conferindo-lhe outro aspecto animalesco.

A meninada e mesmo os adultos gostavam de provocar o infeliz do André:

- Oi, Zebu! É André... Oi, Maria! É homee! Tira o pé do porrete! É mão... Diabo!

Às vezes, para alegrá-lo e, em seguida, provocá-lo, diziam:

- O André é bom pra matar porco...

Então ele dava uma gargalhada e eles diziam:

- O porco já estava morto! Tava vivo, diabo!

Essas provocações tiravam o sossego do infeliz André.

Não pedia dinheiro, somente alimentos prontos. Tinha os pontos certos onde tomar leite ou café. Às vezes, ao chegar às casas em hora de almoço, perguntavam para ele:

- André, você quer almoçar?

- Eu não bebi café ainda – ele respondia.

Então, tinham que dar primeiro o café, para depois ele almoçar.

Quando ficava sentado com as pernas cruzadas por muito tempo, elas ficavam dormentes e não conseguia andar. Quando tinha dificuldades para falar, batia na garganta.

Era muito comum em Areado fazerem promessas para o André ser padrinho de representação em batizados. Muitas vezes, tive a oportunidade de vê-lo, quando eu era coroinha do Padre

Antônio. Ele aparecia para os batizados bem vestido, barbeado, tudo às custas dos futuros compadres.

Outra crendice: quando as mulheres estavam amamentando e faltava o leite, chamavam o André para sugar os seios delas, para que aparecesse o leite. E isso aconteceu muitas vezes.

Tudo isso, conferiu ao André o estigma de lenda viva.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: PEDRO FIRMINO

Na época em que foi reconstruída a Igreja Matriz, em 1920, o Padre Nicolau, que teve sua presença na história de Areado, como sacerdote e como um bom samaritano, prestou relevantes serviços à comunidade, durante a epidemia da gripe espanhola. Ele era muito caridoso e tinha grande amor pelos pobres.

Pedro Firmino, pobre, velho, parálítico devido a uma artrose reumática deformante, caminhava com grande dificuldade, com o auxílio de um par de muletas, e vivia somente de esmolas. O Padre Nicolau, construiu, em frente à Igreja, uma casinha rústica, de tábuas, para o Pedro Firmino morar e zelar pelas obras. Mas, claro, que sua presença seria apenas de efeito moral, pois ele não tinha nenhuma condição física.

À noite, a sua função era bater as horas, sendo a última badalada às 21 horas. Ele dormia na casinha, recebia ajuda do bondoso Padre Nicolau e algumas esmolas.

Lembro-me bem que havia, perto de sua casinha, um enorme buraco, de forma retangular, que servia para queimar “cal-virgem” para fazer rebocos e, a uns dez metros além, um poste de madeira com o sino. Pedro Firmino, com grande dificuldade, aparado pelas suas muletas, ia bater as horas da noite.

Havia também outro sino na cadeia, onde o carcereiro Ismael batia as horas. Acontece que os dois nunca batiam a mesma hora. Ainda não havia luz elétrica na Vila, as noites eram maravilhosas com aquele céu estrelado, que até hoje encanta os areadenses.

Lá pelas tantas, o pobre velho, depois de cumprir sua missão, dormia tranquilo. De repente, o sino tocava várias vezes e ele acordava assustado. Com dificuldades, acendia a lamparina e, com a ajuda das muletas, caminhava até o poste do sino, à procura do incômodo batedor. Não encontrando ninguém,

voltava assustado para o barraco e rezava até pegar novamente no sono.

No dia seguinte, contava o acontecido às beatas que vinham assistir à missa:

- Foi obra do diabo!

Elas se benziavam e pediam explicações ao culto sacerdote, que achava muita graça, pois sabia que era maldade da rapaziada para assustar o velho Pedro Firmino.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: TIANA

Negra, velha, caminhando sempre com grande dificuldade; mesmo assim, não deixava de assistir à missa aos domingos.

Tiana morava no “Dedanca” (Bairro Rosário). Andava sempre limpinha, tinha medalhas de vários santos penduradas por todos os lados e fitas de irmandades no pescoço. Carregava um rosário com um crucifixo na mão; não dispensava o véu e, com extremo respeito, entrava pela porta principal da igreja matriz:

- Ai, “fio” de Deus! Ai, “fio” de Deus! – era sua saudação para aqueles que olhassem para ela.

Acompanhava toda a liturgia da missa com o rosário na mão e imitava o sacerdote, quando este elevava a hóstia, levantando o crucifixo, rezando em voz alta e fazendo gestos. O Pe. Antônio não gostava muito, mas tolerava a fé da mulher.

Quando havia “terço” e procissão pela praça, ela cantava, com sua voz desafinada:

- Amado José Joaquim/ Ana Maria/ eu vos dou o meu coração/ e a “arma” minha...

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: JOÃO CAPITUVA

Todas as cidades brasileiras têm suas lendas, crendices e costumes, mas os seus tipos populares, em geral, são marcados, porque não tiveram os sinais gratificantes da existência humana.

Em Areado foram muitos, todos eles humildes e pobres, exibiam suas doenças, seus defeitos físicos, implorando a caridade, fator incondicional de sobrevivência.

A Câmara Municipal, na década de 20, mandou confeccionar placas numeradas para identificação dos indigentes, com os dias estabelecidos para pedirem esmolas nas vias públicas. Havia, com isso, um certo controle: quem não fosse de Areado, não recebia a placa. Também aquele que convertesse a esmola para bebidas alcoólicas, não tinha direito de pedi-la.

A época era do “tostão”, do cem réis, não havia inflação nem correção monetária.

Um dos pedintes, sempre sujo, maltrapilho, barbudo, com cabelos desgrenhados, nariz vermelho como pimentão, sempre babando uma saliva alcoolizada, era conhecido por João Capituva. Ele morava no sopé do Alto da Santa Cruz. Seu barraco era alvo da meninada, que atirava pedras para provocá-lo e sua reação era de impropérios diversos que divertiam a garotada.

João Capituva andava pelas ruas da Vila, cambaleando, gesticulando e falando sob efeito do álcool:

- Cem milhões de soldados pra mim não é nada...

Ele estava sempre às voltas com a polícia, devido às cachaçadas. Naquele tempo, todo bêbado era preso.

- Cem milhões de réis pra mim não vale nada...

Não estaria ele prevendo o futuro? O seu lema não seria Liberdade e Economia?

Assim viveu o Capituva durante muitos anos.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: REI BEÚ

Como é o seu nome? “Eduardo Quarto, Rei da Inglaterra”, era a resposta desse personagem folclórico de Areado, conhecido como Rei Beú.

Ele media um metro e trinta centímetros mais ou menos, era portador de verminose, o que lhe dava o aspecto doentio. No seu físico, trazia estampados os distúrbios glandulares de uma forma hipoplástica, que ninguém nunca havia pesquisado a causa verdadeira: seria intoxicação crônica dos pais, enfermidades infecciosas, malformações genéticas, deficiência alimentar? (Conversa de médico).

O mais interessante é que ele era casado e tinha filhos, todos com o mesmo porte da linhagem “real”.

Pedia esmolas muito envergonhado. As roupas que vestia eram enormes, quase sempre doativos de famílias que haviam perdido um ente querido. O defunto sempre era maior...

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: JUSTIANINHO

Justianinho era portador de um “papo”, distúrbio da tireoide. Ele tinha mais ou menos um metro e meio de estatura. Morava na roça, mas estava sempre na Vila, à procura de uma companheira.

Certo dia, arranjaram-lhe uma noiva e seu casamento foi marcado. Ele, elevado pela dádiva amorosa, descrevia tudo o que ia fazer...

Quando chegou o dia do casamento, um rapaz, vestido de noiva, foi de braço dado com o Justianinho em um grande acompanhamento até a porta da igreja. Lá, a “noiva” foi raptada por outro rapaz, provocando risos àquela assistência maldosa.

Mas, Justianinho, mesmo desapontado e nervoso, continuava a pedir:

- Me arranja uma noiva!

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: ZÉ LEMES

Zé Lemes era um negro que possuía uma força enorme. Ele morava nos fundos da casa de João Duarte Filho, na antiga Rua do Capim. Fazia pequenos serviços e pajeava as crianças para Dona Mariana. Andava pela cidade toda com uma das crianças na palma da mão. Obedecia às ordens dos seus patrões:

- Zé Lemes, você não deixe de molhar as verduras todos os dias.

Acontece que o Zé Lemes tinha um grande guarda-chuva branco, encardido e, quando chovia, lá estava ele molhando as plantas...

- Como vai, Zé Lemes? – as pessoas lhe perguntavam.

- Graças a Deus, vou bem, aqui nesse Areado “véio”, “cansado de guerra” (Jorge Amado não teria plagiado o “cansado de guerra”?).

Zé Lemes possuía um pedaço de ferro com um cabo de madeira e trazia-o na cintura, era sua arma de defesa, o Pachola.

Quando se referia a um grupo de pessoas, dizia:

- É uma “colandria”.

Zé Lemes foi envelhecendo e adquirindo o estranho hábito de catar, nas ruas, pedaços de latas velhas. Tudo que era de metal amarelo, ele levava para casa, pois dizia que era ouro e tinha que ficar bem guardado, senão a “colandria” roubava tudo.

Alimentou por muito tempo uma paixão pela filha de Getúlio Vargas. Vagava pelos pastos próximos da cidade à espera do avião que traria sua amada. Depois, tornou-se agressivo e, por isso, foi internado no Manicômio de Barbacena, onde morreu.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: JOAQUIM GRANDE

O porte de Joaquim Grande justificava seu apelido. Homem forte, musculoso, portador de uma excelente dentadura e uma boca a pantagruélica (guloso, insaciável).

Assobiava em vários tons. Quando estridente, ele fazia caretas e intercalava ruídos com a boca. Era o bastante para provocar a cachorrada: bastava ele aparecer na rua, já se ouvia os latidos nervosos dos cachorros, com os pelos eriçados, acompanhando Joaquim Grande.

Quando ele notava que já eram muitos, virava-se bruscamente e atirava pedras na cachorrada, para vê-los em disparada e dar boas gargalhadas.

Era trabalhador. Sua especialidade era rachar lenha e todo serviço que dependesse de muita força. Tinha um apetite fora do comum. Quando se pedia um prato de comida reforçado, bastava dizer: “um prato a ‘la Joaquim Grande’”.

Ele viajava muito de caminhão para o Paraná. Numa de suas viagens, não voltou mais...

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: ZÉ PEREIRA

Zé Pereira morava nos fundos do sobrado de Dona Sinhá. Era muito prestativo e trabalhador. Sua especialidade era lavar assoalhos. Naquele tempo não usava encerar as casas.

Ele tinha o rosto todo marcado pela varíola e um dos olhos inutilizado, em sequela da doença.

Adorava uma boa dose de cachaça e, quando embriagado, ficava intolerante e mal criado.

Certa vez, bastante bêbado, deteve-se na calçada, em frente à casa do Sr. Domingos Pinto Dias (Barqueiro) e começou a fazer provocações a Dona Maria, que estava na janela. A mulher, após ouvir muitas “lorotas”, disse-lhe que fosse para casa. Ele, sabendo que ela era portuguesa, respondeu:

- Portugal é muito bom? Porque “oceis” num voltam pra lá?

No dia seguinte, envergonhado, compareceu na casa de Dona Maria para pedir-lhe desculpas.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: SEU ICA

Como todos os povos, Areado teve também a Seresta na sua história. Dizem que Tiradentes gostava de violão e, no tempo de Marília, já se faziam serenatas em Ouro Preto.

Quem não gostava de uma Seresta? J. K., o maior animador de serenata do Brasil, esteve duas vezes em Areado. Uma vez, para a inauguração do prédio da Prefeitura e não foi possível realizar um baile comemorativo no Clube Recreativo, devido à luta política da UDN e PSD. O vigário da paróquia, o famoso Padre Matias, não deixou que o baile se realizasse no prédio recém-inaugurado. Foi preciso arranjar, às pressas, uma brincadeira dançante na antiga casa do Sr. Santos D'angelo (Já dei a sugestão: coloquem uma placa na casa com os dizeres "Aqui dançou JK"). Tenho certeza de que o saudoso JK ficaria mais satisfeito com uma seresta feita pelo Ica.

Seu Ica tinha um aspecto doentio, era magrinho, corcunda, mais tinha um grande talento musical. Era compositor romântico, verdadeiro virtuoso do violino e do violão. Era sapateiro muito habilidoso. Ele próprio fabricava seus violinos e violões. Quando o Otávio do Hipólito teve de amputar a perna, o Ica fabricou para ele uma perna mecânica.

Hoje, quando o luar se derrama sobre nossa Areado, com aquele céu estrelado e maravilhoso, abrimos uma porta do passado, com saudades do seresteiro inesquecível, o Ica.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: PIO

Passava pelas ruas de Areado um homem pequeno e maltrapilho, conhecido pelo nome de Pio. Seu maior desejo era bater os sinos da Matriz. O Padre Antônio, porém, não permitia. Com isso, ele vivia sempre revoltado com o padre.

A meninada e mesmo os adultos, quando encontravam o Pio, davam-lhe um pedaço de papel em branco e diziam que era uma carta do senhor Bispo. Depois de receber muitos elogios de todos, o Pio passava a ler a carta:

- O Bispo de Buchupé mandou falá pro Pio bate o chino da igreja grande de Buchupé. Só o Pio que sabe bate o chino da igreja. Manda falá pro Padre Antônio deixá o Pio bate o chino...

Depois de tudo isso, terminava dizendo palavrões para o Padre Antônio. Era analfabeto, mas letrado em palavrões...

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: DUVIRGE

Duvirge era de uma magreza impressionante. Era muito alegre com todos e não possuía nenhum dente na boca. Ela morava no “Dedanca” e ia ao centro da Vila à procura de roupas para serem lavadas pela sua patroa, Dona Olívia.

A meninada descobriu que ela tinha grande amor pelos gatos. Uma vez, ela apareceu com um gato nas mãos e foi o bastante para que a meninada mexesse com ela, fazendo gestos com as mãos como se fosse enforcar o gato. A partir de então, toda vez que ela aparecia na praça central com uma trouxa de roupas para lavar, a meninada a provocava com gestos, simulando enforcamento do gato. Ela ficava muito nervosa, jogava a trouxa de roupas no chão, corria atrás de meninada e atirava pedras.

Pobre Duvirge! Devido à sua magreza, a qual era, possivelmente, consequência de uma tuberculose, teve uma vida curta.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

PERSONAGENS FOLCLÓRICOS: OLEGARINHO

Quando menino, Olegarinho morava na casa de Dona Mariquinha. Foi criado por ela. Era companheiro fiel de Paulo Miranda.

A meninada daquela época, 1925 mais ou menos, como a de hoje, adorava futebol. Só que naquela época se falava: golquipa, beque, alfo, centernalfo, extrema direita e esquerda e centefour. A bola, chamávamos de “capotão”, e tinha diversos números. Era fechada e amarrada com aquele couro que, às vezes, raspava a cara da gente. Que dificuldade para comprar um “capotão”! As bolas peladas eram feitas de meias velhas ou de “bexiga de vaca”.

O Toninho Jorge resolveu fundar um time para a garotada se divertir, no Campo da União e do Dedanca. Então, fez-se a coleta dos tostões (cem réis): um dava quatrocentão, outro quinhentos réis, outros dois mil réis. Somando as contribuições, com grande sacrifício, não chegava a 15 mil réis. O nome do time era Guarani.

O Olegarinho contribuiu com duzentos réis. Ele era “enfezadinho”, mas muito direito e amigo dos amigos. A meninada da época: Toninho, Tomazinho Rocha, Renato Agostini, Paulo Miranda, Armando Baise, Chiquito Rodrigues, Sinval Rodrigues, Sebastião do Sargento, Rafael Quesada, Osvaldo do Albertinho, Mingote, Arnaldo Baise, Geraldo Machado, David Higino, Joaquim Monteiro, Geraldo Miranda e muitos outros, faziam parte do time. Tudo preparado. As posições definidas pelo Toninho e o time estava para entrar em campo, quando surge um impasse: não havia lugar para o Olegarinho. Ele teria de ficar na reserva. O mediador teve que ser o Paulo Miranda, seu fraternal amigo.

Pois bem! Olegarinho ficou sentado, na beira do campo,

muito acabrunhado. Quando começou o jogo, a primeira bola que saiu de campo foi parar perto do lugar onde ele estava. Então, mais que depressa, ele a apanhou e lhe passou o canivete. E sabe o que aconteceu? Acabou o time, porque cadê dinheiro para comprar outro “capotão”?

Olegarinho sempre morou em Areado e era muito correto. O Dr. Valeriano, quando prefeito, deu-lhe um serviço na prefeitura, onde trabalhou até se aposentar. Conseguiu ter sua casinha e, numa manhã, foi encontrado morto em sua cama.

(Dr. Célio Garcia Pereira)

TIPOS CARACTERÍSTICOS DA AREADO ANTIGA

Pelo longo binóculo da saudade,
Que tudo em retrospectiva vai vendo,
Passo a lembrar a minha cidade,
Que do passado, de novo, vai crescendo.

Eu vou, com emoção, enxergando
Aquelas patéticas humanas figuras
E, outra vez, as vou lembrando:
Tão engraçadas, tão gente, tão puras.

Ao vê-lo passar, curvado, com seu porrete na mão,
A gente, criança levada, dizia:
- Oi, Maria! Oi, Maria! Oi, Maria!
Para ouvi-lo responder: Homem! ANDRÉ! Maria, não!...

Tão humilde, tão fraco, o coitadinho!
E do mesmo time do ANDRÉ ZEBU.
Vinha pedir algo, tão escondidinho
Na sua pobre realeza, o REI BEÚ.

Com a garrafinha na mão,
Lá vinha dizendo só asneira,
Bêbado que nem um pifão
Oi Zé, oi Zé, oi ZÉ PEREIRA...

Papa-PIO – pia – pá...
Com um pepelzinho na mão:
- Deixa eu ler esta carta inteira?
Logo, a gente pedia, então,
Pra mentir bastante besteira.

A menina corria pra observar:
Um passinho pra trás, pra frente um passinho...
Assim, ficava sempre no mesmo lugar
O incansável, eterno andante: LINDOLFINHO.

Bastava vê-lo, ao longe, eu fugia
Dele às léguas, como se o diabo fosse!
Toda menina dele corria
E que nome gostoso ele tinha: ARROZ DOCE.

Que enorme força possuía aquele negrão,
Que se dizia dos poderosos, amigo.
Ele carregava criança na palma da mão.
O ZÉ LEMES, que trazia só bondade consigo.

Se houver Céu, todos eles, certamente, lá estão,
Dos meninos daquele tempo merecem gratidão.
Todo aquele que desperta na criança um sorriso,
Merece, com justiça, ganhar de prêmio o Paraíso.

(Anita Soares)

O CARRO DE BOIS

Um jato passa, como um relâmpago, rasgando os céus, deixando em seu rastro um longo canudo de fumaça. Meu pensamento, numa velocidade maior que a do jato, faz a trajetória presente-passado e joga-me em um meio de transporte que é a exata antítese de um avião a jato: o carro de bois...

Terminavam as gostosas férias na “fazenda amiga”, a Fazenda do Taquaruçu. Havia chovido muito e aquele morro, o Morro do Carreirão, que estava liso e escorregadio como nunca, era o ponto crítico para o nosso carro passar. Toda criançada estava lá dentro do carro de bois e o Seu Nelson Carreiro fazia proezas para manter o carro em equilíbrio:

- Ô, Dourado! Êia, Brinquinho! Ô, Moreno!... – E lá ia ele instigando cada boi que puxava aquele carro.

E nós, lá dentro, íamos aos solavancos, “pendendo” de um lado para o outro, rindo e com medo ao mesmo tempo. Era uma aventura maravilhosa para aquela criança que era eu.

Aquele carro era como se fosse um barco jogado ao sabor de ondas bravias. Fazíamos algazarra e confiávamos no nosso “piloto”.

Ao terminar o “Carreirão”, o caminho melhorava e o nosso carro andava bem melhor, livre de solavancos bruscos, mas continuava com seu balanço. A fazenda ficava para trás e a cidade se aproximava cada vez mais. Aquele carro levava em seu bojo tanta emoção! Aquela criançada trazia em si alegria, esperanças e a felicidade tão pura, tão autêntica, que só mesmo as crianças podem sentir.

Hoje, as saudades que sinto daquele carro e das viagens que nele fazíamos dariam para fazê-lo transbordar...

Outro avião passou e seu barulho me fez “acordar” daquele sonho... Carro de bois, hoje, na estrada da vida, você é sinônimo de aventura. Como posso comparar a sua viagem com a daquele avião que acabou de sumir entre as nuvens?...

(Anita Soares)

AS PASTORINHAS

Padre Antônio, que foi vigário de Areado por muitos e muitos anos, trouxe, da sua terra lusitana, uma tradição natalina para nossa cidade. Tradição esta tirada do folclore português: as “Pastorinhas”.

Do Dia do Natal a 6 de janeiro, Dia de Reis, as meninas e meninos de Areado vibravam de animação e felicidade por participarem de maneira tão viva, interessante e evocativa das comemorações do nascimento do Menino Jesus.

As crianças que seriam as “pastorinhas” e os seus companheiros, vestiam-se com trajes típicos dos guardadores de rebanhos: saias ou calças de fazenda em tons bem vivos (de preferência vermelho) e blusas de cores alegres também; as meninas com lenços amarrados à cabeça e os garotos usando chapéus, bernal a tiracolo e com um bastãozinho na mão. Assim vestidos, compareciam a todas as cerimônias da época natalina: missas, novenas e a tradicional Missa do Galo. Tinha-se a impressão que, ao rodearem o lindo presépio armado na Matriz, eram, de fato, aqueles humildes e maravilhados pastores que foram visitar e prestar as primeiras homenagens a Jesus, assim que Ele nasceu, no estábulo, em Belém. Na imaginação infantil, tão pura quanto fértil, as crianças se misturavam aos Três Reis Magos, para adorarem aquele que nasceu de maneira tão humilde, para nos ensinar o valor da Humildade e da Caridade. As sacolas e bornais iam sempre cheios de coisas gostosas, que as crianças comiam, ali na igreja mesmo, nos intervalos das orações ou depois das cerimônias.

Logo depois do Dia de Reis, era feito um grande piquenique, geralmente em uma fazenda, onde as crianças iam com seus trajes de pastores e se divertiam muito.

(Anita Soares)

A BANDA

“Estava a toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a Banda passar
Tocando coisas de amor”.

Dizem que recordar é viver... Não restam dúvidas que é mesmo. E quem é que não recorda? A associação de ideias nos leva, quase sempre, à recordação de algum fato, recente ou distante, acontecido ontem ou passado, há muitos anos, numa infância que já vai distante. Basta, às vezes, uma palavra, uma música e nossa memória já nos traz de volta a algo que nos emocionava e nos fazia vibrar...

“Pra ver a Banda passar...” E vejo, então, a Banda de Música do Maestro Nicanor Vieira passando a tocar um vibrante “dobrado”... Em todas as festas, ela estava presente, animando, dando vida, fazendo corações pularem mais aceleradamente. Nos dias de Festa de São Sebastião, o Padroeiro da Cidade, ela percorria as ruas, de madrugada, numa alegre alvorada, acordando a todos com o som, cheio de alegria, de sua música. E a gente não resistia... Pulava da cama e entreabria a janela, no frio do amanhecer, “pra ver a Banda passar”...

A presença da Banda era indispensável nas procissões, festas cívicas, inaugurações etc. E até em enterro de gente importante, tocando a Marcha Fúnebre (uma composição do Maestro Nicanor Vieira). Porém, é bom recordá-la nos momentos de alegria, com seu simpático e bondoso Maestro, comandando todos os músicos.

O Chico Buarque de Holanda soube tão inteligentemente expressar, em sua poética composição, o que é a banda de música de uma cidade do interior. É a vida, é a animação, é a participação na existência da comunidade.

Festa em Areado sem a Banda de Música do Maestro Nicanor Vieira não era festa, pois somente ela conseguia sacudir o povo da letargia, transmitindo o verdadeiro espírito da festa, a alegria, enfim...

E, recordando aquela Banda de Música, recordamos o seu Maestro. Seu nome merece estar entre os das pessoas que fizeram algo de bom pela cidade. E o que melhor que transmitir alegria aos corações? Recordemo-nos dele e de sua Banda com muito carinho!

Ainda dá pra se sentir feliz só em recordar de “ver a Banda passar”...

(Anita Soares)

VIVA A BANDA!

A história da Banda de Areado começou no final da década de 30, quando, o saudoso e ousado, Nicanor Vieira e Silva, organizou a “Banda Infantil Areadense”, formada por 18 integrantes, crianças e adolescentes de 6 a 14 anos. Destes, 10 eram seus netos, 1 era seu sobrinho e mais 7 meninos da comunidade areadense.

Seu Nicanor era dentista e protético prático e nunca frequentou uma faculdade. Ele recebeu do pai, Sr. José Vieira e Silva, educação musical e aprendera a tocar vários instrumentos, na sua maioria de sopro. Quando o pai faleceu, Nicanor pôs em prática o projeto do pai de formar uma banda de meninos e teve origem, então, a BANDA INFANTIL AREADENSE, da qual assumiu a regência. Com recursos próprios, Maestro Nicanor Vieira adquiriu instrumentos e uniformes e saiu em excursões com a garotada da BANDA por diversas cidades da região e do estado de São Paulo, inclusive a capital. E foram muitas apresentações. As pessoas ficavam encantadas pelo fato de ser uma banda composta só por crianças e adolescentes, o que não era comum na época. A filha de Maestro Nicanor, Santa Vieira, era instrumentista, tocava piano, mas não integrava a Banda Infantil. Ela viajava acompanhando o pai para ajudar a tomar conta das crianças.

Onde quer que se apresentasse, a BANDA INFANTIL AREADENSE ganhava concursos e prêmios. O mais importante foi o prêmio de mil e duzentos cruzeiros, no Concurso de “Peneira de Ouro Rhodine”, promovido pela Rádio Cultura de São Paulo. O Maestro Nicanor Vieira e seus meninos chegaram a se apresentar num programa da Rádio Tupi, na década de 40 e foi um sucesso.

Por anos, a BANDA INFANTIL AREADENSE foi a alegria nas tardes de domingo de nossa Areado, apresentando-se no Coreto da Praça.

Então, em 07 de maio de 1945, morre o Maestro Nicanor Vieira e, em seu enterro, foi a última apresentação da BANDA INFANTIL AREADENSE. Os meninos tocaram em homenagem ao Maestro a Marcha Fúnebre, de sua própria composição, a qual fora ensaiada por ele tantas vezes. Ali se desfez a BANDA INFANTIL AREADENSE, com o golpe de perder seu MESTRE.

Mas, como a semente fora lançada, um dos meninos do Maestro Nicanor, Emílio Rodrigues, 30 anos depois, em 1976, formou nova banda e homenageou o Maestro Nicanor Vieira, colocando seu nome na banda recém-formada. Começava ali, uma nova era da Banda em Areado. Maestro Emílio reuniu 18 músicos areadenses e, com a ajuda de pessoas da comunidade, conseguiu alguns instrumentos, além dos que ele possuía. A partir daí, a Banda começou a se apresentar em festas religiosas e cívicas de Areado e cidades vizinhas.

Diferente da Banda do Maestro Nicanor, a Banda do Maestro Emílio era composta somente por adultos. Depois de algum tempo, Maestro Emílio admitiu algumas crianças na Banda, porém, só meninos, os quais ensinou. Em 1984, a Banda foi municipalizada e recebeu o nome: Banda Municipal Maestro Nicanor Vieira. Em 1986, a Banda foi convidada a tocar em recepção ao então candidato ao governo de Minas, Itamar Franco, no aeroporto de Alfenas.

Maestro Emílio era um apaixonado por música e deixou várias composições, dentre elas, o Hino de Areado, o qual foi gravado na voz de D. Tereza Militão, acompanhada pela Banda Municipal Maestro Nicanor Vieira.

Mesmo quando ficou doente, Maestro Emílio continuou à frente da Banda. Enquanto conseguia andar, os meninos da Banda iam buscá-lo em casa para os ensaios e depois o levavam de volta. Depois, quando não conseguia mais se locomover, um veículo da prefeitura era disponibilizado para levá-lo ao local de ensaio e nas apresentações... Ele morreu em 23 de maio de 2011

em atividade, nunca se afastou da Banda. Maestro Emílio, assim como o Maestro Nicanor, foi enterrado ao som da Banda a qual se dedicou por toda vida...

Mais uma semente havia sido plantada e, dentre os músicos formados por Maestro Emílio, Denilson da Silva Bianchini, assume a função de maestro e regente da Banda, dando continuidade ao trabalho do mestre.

Maestro Denilson começou a integrar a Banda em 1994, aos 10 anos de idade. Como suas mãos eram pequenas, aprendeu a tocar requinta, até que o Maestro Emílio conseguiu um saxofone adaptado, menor, para que ele pudesse tocar. Com o tempo, o menino cresceu e, agora, conseguia tocar no saxofone normal. Seu interesse pela música era tamanho que, em pouco tempo, aprendeu a tocar todos os instrumentos de sopro e percussão que a Banda dispunha, mas sua grande paixão continuou sendo o saxofone, instrumento no qual se especializou. Logo, começou a ajudar o Maestro Emílio a ensaiar outros meninos, integrantes da Banda de Areado e de bandas de outras cidades também. Aprimorou-se estudando música e formou-se pela Ordem dos Músicos do Brasil, em 2011. Com a morte do Maestro Emílio, Denilson assume a regência da Banda.

Após a morte do Maestro Emílio, alguns integrantes da banda saíram e Denilson começou a admitir crianças e adolescentes que quisessem se dedicar à música. Diferente da época do Maestro Emílio, meninas são admitidas na Banda. Inclusive a filha mais velha do Maestro Denilson, Vitória Camilly, foi integrante da Banda e as netas do Maestro Emílio, Isadora e Clara, também integraram a Banda por algum tempo. A outra filha do Maestro Denilson, Bárbara é componente da Banda na atualidade.

Maestro Denilson foi discípulo de Maestro Emílio Rodrigues, que foi discípulo de Maestro Nicanor Vieira, dando sequência ao legado de formação de músicos e mantendo a tradição da Banda de Areado por quase 90 anos.

MINHA HUMILDE, MAS HONRADA GENTE

Há muito desejava dizer alguma coisa sobre a boa gente de meu querido bairro, Cruzes. Como ocorre na zona rural, Cruzes é uma comunidade constituída de pequenos fazendeiros e sitiantes, que trabalham e vivem em suas terra, de alguns pescadores, de um pequeno número de boias-frias, de dedicadas donas de casa, de uma pacífica e sadia juventude e de mais de uma centena de lindas e gárrulas crianças.

Podemos nos considerar uma comunidade pacata, ordeira, trabalhadora e alegre, cujas distrações prediletas são um bom papo, a pesca, o futebol e o rádio. A TV está chegando de mansinho.

Somos um povo que tem um modesto poder aquisitivo e pouca escolaridade, mas, apesar disso, tem filosofia, diretrizes e práticas de vida que revelam grande sabedoria. Como é natural, o povo tem algumas crendices e alguns preconceitos, não obstante, tem uma fé sólida e elevados princípios. É tradicionalista, mas reconhece o progresso e os reais valores do mundo atual, aceita a mentalidade da moderna geração e admira suas conquistas. É muito leal, possui uma moral elevada e tem um grande amor à terra e à família. Procura, dentro de suas limitações, cumprir seus deveres sociais e cívicos e é muito grato ao poder pelas leis de proteção e incentivo à classe roceira. Sabe ser amigo, mas quando alguns de seus membros se desentendem, torna-se difícil uma total reconciliação, não havendo, contudo, em toda sua história, nenhum grande conflito e nem um só caso de homicídio.

No bairro, no decorrer dos anos, personagens se sobressaíram: um que ganhou na loteria esportiva, um padre beneditino olivetano, D. Miguel Reinaldo Maria de Oliveira, e um valoroso ex-combatente da Revolução de 1932, o qual adotou como conduta na guerra este corajoso lema: “Matar ou morrer, se preciso; se entregar, nunca!”

Como fuzileiro, este homem participou de vários combates. Ele costumava contar a história de um deles, que durou três dias. Nessa batalha, os soldados ficaram cercados pelos inimigos e tiveram que suportar fome, sede, chuva, frio, fadiga e também o mau cheiro dos colegas mortos ao seu lado. Como sentinela, enfrentou os maiores perigos e, um dia, para não morrer ou se entregar, teve que matar duas sentinelas inimigas. Esse valoroso e valente soldado, juntamente com outro colega de armas, mereceu de seus comandantes a honrosa alcunha de “Heróis da Mantiqueira”.

Essa é a comunidade a qual tenho a honra de pertencer...

**(Alaor Fernandes – publicado na Tribuna de Areado,
em 20/11/1976)**

J.K. EM AREADO

No princípio, o homem vivia isolado. Pela força das circunstâncias, ele se agrupou e nasceu, assim, o espírito de vizinhança. Da vizinhança aos agrupamentos maiores, vai um período de história universal. Os homens, pelas necessidades comuns, sentiram-se fortalecidos na ajuda mútua. A troca de riquezas aproximou os povos, estabelecendo solidariedades. Os agrupamentos sociais trouxeram uma série de necessidades à vida em comum. Surgiram, então, as leis que regulamentariam as contribuições para satisfazer essas necessidades. A princípio eram voluntárias, tornando-se, depois, em contribuições públicas obrigatórias (impostos e taxas). E veio, daí, então, a organização municipal de cada povoado.

Como parte dessa história, Areado passou por essa evolução. Foi assim que, em 1913, se instalou a Câmara Municipal da então Vila Gomes, funcionando no antigo prédio da Cadeia.

Toda a vida do povoado passou a ser controlada pela Prefeitura Municipal, que arrecadava impostos, os quais eram revertidos em bem comum da coletividade.

Até a construção do prédio próprio, todo o sistema de governo municipal funcionava em casas alugadas. Cogitava-se a construção de um prédio que abrigasse todo o sistema de governo municipal.

Então, em 14 de maio de 1950, na administração do Dr. José Custódio de Oliveira, se deu a inauguração do prédio denominado Paço Municipal, onde, dali em diante, seriam resolvidos todas as questões municipais. Na festa de inauguração estiveram presentes ilustres personalidades da vida pública brasileira, dentre elas, o então deputado Juscelino Kubitschek.

Na ocasião, J.K. discursou e deu o pontapé inicial à sua campanha ao governo de Minas Gerais. Naquele mesmo ano,

elegeu-se governador de Minas Gerais e, em 1956, tomou posse com Presidente da República.

Aqui, em Areado, J.K. iniciou sua campanha política, seguramente bem se lembra aquela geração de cidadãos areadenses.

O que mais surpreende é que o grande político brasileiro também se lembrava do fato. Tanto é que, em seu livro de memórias, A ESCALADA POLÍTICA, ele relata:

- Iniciei minha campanha – mesmo sem haver sido indicado – comparecendo a um comício, realizado em Areado/MG. Aquele comício representou, para mim, um teste. Pude sentir a vibração da assistência, quando lhe dirigi a palavra. Na praça, onde se realizava a concentração, viam-se faixas e cartazes, ostentado o já habitual slogan “Juscelino para o Palácio da Liberdade”.

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Esta história verídica, que aconteceu em nossas vidas, bem poderia ter por título alguma destas palavras ou todas elas: GRATIDÃO, AMIZADE, TERNURA, SAUDADE.

Ela não fala de um namorado, de um esposo, de um amante ou deu qualquer criatura humana, mas sim de um amigo, um cão. Seu nome era Peri.

Nós, duas irmãs, mais conhecidas na cidade como Carlinda e Penha, ganhamos o Peri ainda pequenininho e conosco ele ficou 13 anos do mais completo companheirismo e de muita felicidade.

Somos solteiras e morávamos em companhia de nossa velha mãe, que era paralítica, devido a um traumatismo deformante. Nós trabalhávamos fora. Eu, Carlinda, em tempo integral, e minha irmã, Penha, por algumas horas. E, nessas poucas horas em que a Penha se ausentava, Peri ficava deitado ao pés da cama de nossa mãe, atento, vigilante, como um anjo protetor.

Peri era grande, muito bonito, preto e branco, não sabemos ao certo qual era sua raça. Era dócil, inteligente e tornou-se um membro de nossa pequena família. Era companheiro e vigilante. Nada temíamos porque ele vigiava nossa casa. Nós o compreendíamos e ele a nós, embora só nos comunicássemos com a linguagem do coração.

O tempo passou e nossa querida mãe faleceu. Peri entendeu a situação e, encolhido na laje da cozinha, uivava e chorava suas lágrimas de cão, pela morte da grande amiga.

E o tempo tornou a passar e chegou a vez de Peri, já velho e doente, ter que partir também. Nós redobramos nosso carinho e atenção para com ele, em sua doença. Fizemos o que podíamos para amenizar seu sofrimento. Banhávamos e carregávamos nosso amigo, como se ele fosse um ser humano, até que ele morreu. Sentimos demais sua morte.

Sepultamos nosso amigo em nosso jardim e plantamos uma roseira sobre sua sepultura. As rosas que nascerão nos farão lembrar que nosso amigo Peri voltou na forma de flores, aspergindo perfume, o qual amenizará nossa saudade.

Enquanto vivermos, Peri, nosso amigo fiel, o bom companheiro, viverá em nossas lembranças, em nossa recordação, como só aqueles que nos souberam dar muito amor.

(Maria Carlinda do Carmo e Maria da Penha do Carmo)

BOTECO DO EVARISTO

No ano de 1928, Evaristo Faria Moreira e Augusta Rosa Moreira, meus pais, chegaram a Areado e foram morar na Praça, numa casa onde hoje é o Banco Bradesco. Papai era barbeiro e tinha salão montado na frente da casa. Depois, ele montou o bar e sorveteria, a qual teve a primeira máquina de fazer sorvetes de Areado. O salão era praticamente o mesmo, mas tinha “camarote e sala de cinema nos fundos”.

Os carnavais eram realizados numa animação ímpar. Os frequentadores e grandes amigos eram Renato Agostini, João Lourenço, Joaquim da Luz, Carreté, José Júlio, Dr. André, Paulo Miranda e muitos outros (todos lembrados, mas impossíveis de serem enumerados, de tantos que eram).

Depois da Segunda Guerra Mundial, o bar foi transferido para uma casa, onde hoje moram José René e Sheila, ao lado do antigo prédio do cinema. Foi nesse bar que meu irmão, Ivônio, perdeu uma vista, com o estouro de algumas garrafas. Muito tristes com o acontecido, nos mudamos para a velha “Rua do Capim”, na casa onde hoje é a loja de móveis do meu irmão, Ivadir. Ali, meu pai e Nilson, meu irmão, montaram uma casa de secos e molhados e trabalharam durante muitos anos.

Mais tarde, arrendamos o prédio do hotel (onde Nilson morou com sua família) e montamos novamente o bar. Foi aí que o lugar recebeu o nome de “Boteco do Evaristo”. Funcionava em baixo do hotel, onde foi por muito tempo a redação da Folha Areadense.

Nilson, com sua criatividade, promovia novidades para animar o Boteco, até show de calouros aconteceu ali.

O Boteco cresceu e passou para o grande bar da Praça. O nome? Sempre “Boteco do Evaristo”. Teve dias de glórias, de grande movimento, de clientela seleta, de aperitivos famosos, de noites inesquecíveis.

Infelizmente, papai falece e Nilson, como seu companheiro de trabalho, amigo e sócio, o assumiu de vez. E continuou inovando sempre, proporcionando alegria e diversão aos frequentadores. Até que nasce a Boate Nil Som, com imenso sucesso na região. Outros tempos vieram, outras clientelas e nova situação econômica. Nilson esteve presente em todos os momentos. Trabalho, dedicação, educação e atenção fizeram com que Nilson se tornasse uma pessoa especial na cidade. O tratamento sempre foi o mesmo com toda sua clientela. Não importavam a crise, o momento, glórias ou dificuldades não atingiram sua postura de grande comerciante. Sempre amigo, fiel, cordial, cavalheiro.

No Boteco do Evaristo, os clientes eram prioridade. Com dinheiro ou não (e todos sabem disso), jamais deixaram de saborear a nossa “bem suada por fora e abençoada por dentro, eis a cerveja do boteco”.

Nilson provou que a genética é indiscutível. Tal qual papai, nunca mediu esforços para com sua família. Ele significou para nós, seus familiares, ajuda constante em todos os momentos. Tal qual papai, Nilson criava, cultivava e valorizava sua maior riqueza: quatro filhos maravilhosos, inteligentes, educados e com futuro promissor.

As grandes dificuldades econômicas pelas quais passou nosso país, a instabilidade, mudanças de moeda, vieram a afetar o Boteco. Foi aí que vimos o desmoronar de muitos anos de trabalho e dedicação.

“Boteco do Evaristo: servir bem é o seu lema. O fino em sorvetes é a sua Bossa” deixou de existir. As lembranças boas, cativantes, de sucessos, são muito maiores do que as dificuldades e crises. Gosto de me lembrar sempre dos bons momentos, das realizações, dos carnavais, dos grandes bailes na boate, das promoções de futebol, na presença das festas da Matriz, nas copas do mundo, nas grandes comemorações e concentrações

populares.

O Boteco do Evaristo deixou saudades porque marcou gerações de areadenses, foi palco de muitas decisões, políticas e familiares, de muitos artistas, de muitas serestas, de alegrias e de algumas decepções também, superadas pelos grandes momentos de realizações.

Evaristo, Nilson e Boteco do Evaristo: a perpetuação da integridade, sinônimos de honradez. A marca do “Boteco do Evaristo” jamais será apagada da memória dos areadenses. Ela é eterna. Em nossos corações, guardamos a certeza de que uma vez “BOTEÇO DO EVARISTO” sempre “BOTEÇO DO EVARISTO”.

(Rony Rosa Moreira)

OS ESTRANHOS ANOS 2000

Fatos e fenômenos estranhos sempre acontecem de tempos em tempos. Em Areado, parece que, entre 2000 e 2011, os acontecimentos estranhos tiveram uma frequência maior.

Já em outubro de 2000, ocorreu o fenômeno da árvore que “chorava”. Essa árvore, localizada na propriedade da D. Nica, atraiu centenas de pessoas, pois acreditava-se no poder miraculoso da tal árvore. As romarias vinham de cidades da região, trazendo pessoas interessadas em curas e outros milagres. E foram muitos dias dessa forma. Até que a árvore parou de “chorar”. As pessoas desapareceram e hoje, poucas se lembram do acontecido.

Em maio de 2003, Areado é abalado por tremores de terra. O maior deles alcançou 3,4 pontos na escala Richter e foi o mais intenso a atingir a região do Sul de Minas. A população ficou em pânico:

- Areado vai afundar!... A “Serra do Elefante” vai ser engolida por um imenso buraco que se formou embaixo dela!... Esse tremor derrubou partes da torre da igreja matriz!... Os tremores derrubaram e quebraram copos dos armários!...

Esses eram os comentários que se ouvia nas ruas da cidade. Mas o tempo foi passando, o povo foi se acostumando aos pequenos e frequentes tremores, até que cessaram. E mais uma vez o povo se esqueceu...

Muitos anos se passaram até os próximos eventos estranhos, que aconteceram em 2009. Foram dois fatos estranhos. O areadense Luís Roberto Ruela arrancou uma mandioca gigante: três metros de comprimento e 45 quilos. Num outro ponto de Areado, no sítio Monjolinho, do Sr. Gilmar Vieira Sá, nasceu um bezerro de duas cabeças, dois rabos, sexo indefinido e um só corpo, mas não sobreviveu, nasceu já morto. Como o areadense é um povo curioso, todos queriam ver, ao vivo e a cores, o que

denominaram de “aberrações”. E foi mais uma peregrinação.

Em 2011, no quintal do Sr. Roseno e da D. Brasilina, nasceu um pintinho com três pés: os dois normais e um terceiro onde deveria ser a cauda. O casal enfrentou uma romaria de curiosos em sua casa, por dias, para ver o extraordinário pintinho. Hoje, ninguém mais toca no assunto e os mais novos nem têm conhecimento do fato.

Bem, parece que o tempo dos acontecimentos estranhos em Areado passou, pelo menos até a próxima temporada...

A CASA DO VÔ OLAVO

Nasci lá. Rua Vivili Pereira, no quarto ao lado da sapataria do Vô Olavo, pelas mãos do tio Chiquinho (Dr. Chiquinho).

Meu nome foi colocado pela Vó Santa, copiado da atriz principal de uma novela que ela ouvia pelo rádio. Se fosse menino, papai colocaria Gilmar, em homenagem ao goleiro do Botafogo naquela época.

Meu pai era André e minha mãe, Lucrécia, filha do Vô Olavo.

Fui a primeira neta e primeira sobrinha, por isso, fui mimada por todos. Passava o dia com minha Vó Santa, que me devolvia pra mamãe pronta pra dormir. Até os quatro anos nunca havia “apanhado”, pois ela protegia meus “quereres”.

Quando tinha 3 anos, ganhei uma irmãzinha. Nasceu Míriam. Ela deu os primeiros passos ao redor de Vó Santa, que logo ficou doente.

Certo dia, percebi, pela movimentação das pessoas, que Vó Santa havia nos deixado. Corri para o alpendre da casa e, olhando para o céu, procurava pelos anjos que tinham levado vovó para Deus e pensei: “O que será desta casa daqui em diante?”

Com muito humor e carisma, Vô Olavo assumiu e manteve o amor e as “delícias” que aquela casa me davam.

São muitas, muitas lembranças e mais saudades ainda. A casa do Vô Olavo tinha sempre as portas da sala e da cozinha abertas. Nela tinha um imenso corredor.

Dindinha (mãe do Vô Olavo) também morava nessa casa. Era a guardiã da chave do armário das quitandas que tia Oda e tia Otaciana preparavam e levava muito a sério sua responsabilidade.

As noites quase sempre eram assim: “iluminadas” pelos “tomatinhos” da Sul Mineira; Dindinha picando fumo para seus

cigarrinhos de palha do dia seguinte; Lazineira (Ah! Que saudade de ouvir suas histórias para dormir) preparando o leite quente que Vô Olavo bebia todas as noites; tia Olinda esperando tio Zé Roque, que ia ao cinema todas as noites. Às vezes, jogávamos víspera (jogo preferido da Dindinha). E o jogo era mais divertido quando Zé Rômulo participava. Ele era mestre na arte de roubar, ou melhor, de “cantar” as pedras; nunca se deixava comprometer. Tia Otaciana providenciava as peneiras de pipocas (e o cheiro daquelas pipocas parece que permanecem nos meus sentidos até hoje). E, assim, nessas noites, tinha-se notícias de tudo e de todos.

Ah, mas tinha também a tia Laurinha: preocupada, amorosa, chorona... sou capaz de sentir o gosto do bolo que ela fez, coberto com glacê de açúcar e coco; em cima uma vela azul com o número sete e uma porção de sodinhas de abacaxi para comemorar meu aniversário. Essa, talvez, seja uma das festas inesquecíveis de aniversário que tive.

Tio Lupércio, meu Deus! Seu carinho... Era o moço mais bonito que conheci. Estudava fora de Areado para ser dentista, doutor, e orgulho do Vô Olavo, sapateiro.

Tia Cinéia, a quarta filha de Vô Olavo e Vó Santa, como era alegre, divertida, “arteira”. Sua bicicleta, suas fantasias de Carnaval, seus vestidos de baile... Quase morava na casa de tia Dulce. Lá, ela tocava piano, acordeom e cantava com suas primas: Norma, Terezinha e Lucélia e as “ensinava” a fumar cigarros. Eu era menina e me encantava tentando imitá-las.

Fecho os olhos, estas imagens amorosas tornam-se reais e abrandam a saudade que se torna felicidade.

De todas, a imagem mais prazerosa e gostosa é a do fogão de lenha da casa do Vô Olavo. O cheiro das comidas, das linguiças e do toucinho no fumeiro. Do doce de leite no tacho de cobre, o cheiro das pamonhas, do pudim de leite da Belém... o cheiro da fumaça...

Casa simples, coisas simples, pessoas simples. Recordações importantes, lembranças felizes. Pessoas amadas!

A minha infância foi em Areado. Os amigos: Cholinha, Dora – neta da tia Dulce, dentre outros. Os primos: Ana Maria, Maria Augusta e tantos outros. Os primeiros flertes na praça, no cinema, nas brincadeiras dançantes do Clube, o primeiro beijinho...

Sou abençoada pela infância simples que tive, onde tudo e todos me ajudaram a ser uma pessoa sensível e agradecida.

Rua Vivili Pereira, 67. A casa do Vô Olavo não existe mais. Fico triste quando penso nisso. Mas meu umbigo está enterrado lá. Nada poderá arrancar-me desta raiz. Nem das lembranças. Nem de Areado.

**(Jussara Rodrigues Pedreira – Texto publicado no
Jornal Folha Areadense, em 23/02/2002)**

Hino do município de Areado
Letra e melodia de Maestro Emílio Rodrigues

Vila Gomes começou
O teu nome oh! Meu torrão!
E Areado, conquistou
Logo, logo o coração!
O Cruzeiro erigido,
No alto da colina
Sobranceiro! Refúgio!
Sinal da fé que te ilumina.

Areado, oh! Minha Terra
Nunca vou te esquecer
Esteja eu onde estiver
Amar-te-ei até morrer.

Os teus entes passados
Vamos todos exaltar
Pioneiros! Brava gente!
Devemos todos imitar!
Teu progresso te projeta
No cenário nacional.
Marcha frente no futuro
Pois tu és fenomenal.

Areado, oh! Minha Terra
Nunca vou te esquecer
Esteja eu onde estiver
Amar-te-ei até morrer.

HISTÓRIA DE AREADO

A povoação areadense foi fundada aos 23 dias do mês de abril de 1823, pelo Guarda-Mor Joaquim José da Cunha Bastos, juntamente com Antônio dos Reis Rosa e João Marques de Araújo, sendo esses dois últimos, os doadores da área aproximada de quinhentos hectares, que serviriam para o assentamento inicial dos primeiros habitantes. Os desbravadores, idealizadores e generosos cidadãos referidos, cuja memória respeitosamente reverenciamos, abriram uma clareira em plena mata densa e edificaram uma capela que seria o primeiro marco da cidade de Areado.

A agricultura fixou os recém-chegados ao solo produtivo e experiências pioneiras foram feitas, então, com o plantio do trigo e do centeio. Depois tiveram êxito as culturas da cana-de-açúcar, fumo e algodão. Como atividade auxiliar, a criação de gado de corte e leiteiro.

Naquele tempo, as casas eram de pau-a-pique, posteriormente substituídas pelas de adobo, feitas de uma espécie de tijolo de barro, sendo certo que algumas ainda existem até hoje.

Já naquela época, a vocação para o desenvolvimento do artesanato florescia para suprir as necessidades de utensílios, vestimentas, instrumentos, fiação em roca, tecelagem manual, manufatura em couro, cerâmica e outras.

No dia 23 de abril de 1823, o Padre Venâncio José Siqueira rezou a primeira missa, cuja data acabou ficando admitida como a de fundação da cidade, com o nome de São Sebastião do Areado.

Em 1859, o bispo de São Paulo, Dom Antônio de Melo, elevou a capela a Curato, sendo promovida, doze anos mais tarde, em 1871, a freguesia, tendo assim permanecido até 1911, quando passou a chamar-se Vila Gomes, desmembrando-se de Alfenas por força da Lei Estadual nº 556/11. No período da

freguesia, destacou-se a figura do inesquecível Padre Antônio Mariano Pimentel, vigário principal e responsável pelo desenvolvimento vertiginoso verificado no povoado, razão porque o seu nome acabou perenizado no coração do povo numa rua da cidade.

Pela Lei Estadual nº 747, de 20 de setembro de 1919, o nome da cidade foi trocado para Areado, como assim o é até hoje.

No dia 10 de setembro de 1925, pelo Decreto-lei Estadual nº 893, acabou sendo considerada cidade, realizando-se sua emancipação político-administrativa.

POR QUE O NOME AREADO?

Segundo relatos, o nome Areado foi dado devido à grande quantidade de areia fina existente na região. Desde os tempos coloniais, os descobridores de Minas chamavam de areados os lugares planos e arenosos, geralmente as beiras dos rios, ou ainda qualquer terreno onde há muita areia fina, como nas margens de rios e córregos. A prosódia vulgar mineira é “ariado”.

Relata-se ainda, que as caravanas de boiadeiros que passavam pela região, aproveitavam a areia fina das margens dos rios e córregos para arear os utensílios de cozinha.

**Arquivo: Museu Municipal “Monsenhor Faria” Areado
– MG**

POR QUE BISCOITEIRO?

Dizem que mineiro, além daquilo que consta no manual do bom mineiro, é também, um bom contador de histórias. Por isso, estou sempre contando casos do Areado. Uma expressão hilariante, jocosa, que se tornou generalizada, é ostentada com

orgulho pelos areadenses: o apelido de “biscoiteiro”. Vamos recorrer à história.

São Sebastião de Areado, fundada em 23 de abril de 1823, era distrito de Villa Formosa, hoje, a grande cidade de Alfenas. No ano de 1911, foi elevado à vila e recebeu o nome de Villa Gomes, jurisdicionado à comarca de Alfenas. Em 1916, surgiu o primeiro movimento de rebeldia contra a política de Alfenas: um abaixo assinado, liderado pelo vereador Álvaro Faria Pereira e seu primo, o deputado João Leão de Faria, percorreu todo o município, protestando contra o nome de Villa Gomes.

O Germinal, jornal editado na Villa, em 1918, publicava na sua última página, anúncios de casas comerciais, como: Salão de Barbeiro, Onofre Paiva, Praça Wenceslau Brás, Villa; Casa Lealdade, Fortunato Rodrigues do Prado, Fazendas e Armarinhos, Rua Visconde de Ouro Preto, Villa Gomes; Pharmácia São Geraldo, Pharmaceutico Álvaro Faria Pereira, Villa de Areado; portanto, três nomes diferentes.

Em 1919, com a renúncia do Cel. Antônio Hygino da Silva, do cargo de Agente Executivo e Presidente da Câmara Municipal, assume o cargo, o vereador Álvaro Faria Pereira. Seu primeiro trabalho foi a mudança do nome de Villa Gomes, para Villa do Areado, conforme o projeto: Emenda nº 15 de agosto de 1919, apresentado pelo deputado estadual Dr. João Leão de Faria. Com isso, criou-se certa animosidade entre Alfенenses e Areadenses.

A presença de Areadenses no Fórum de Alfenas era muito frequente: como testemunhas, jurados e interessados em causas jurídicas.

Naquela época, o meio de transporte mais rápido era o cavalo, pois Areado distava quatro léguas de Alfenas (pouco mais de 20 Km). Pela estrada de ferro, Rede Sul Mineira, perdia-se muito tempo; a começar pelo transporte da Villa para a estação de Areado: tomava-se às cinco horas da manhã, um “tróley”, do

Zé Bulheiro ou do Filéto Marcondes, para embarcar no trem das seis horas, com destino a Três Corações e Cruzeiro; após uma hora de viagem, fazia-se uma baldeação na estação de Gaspar Lopes, ramal de Alfenas e Machado e, somente pelas dez horas, chegava-se a Alfenas. No retorno, era o mesmo trajeto e os trens chegavam sempre atrasados.

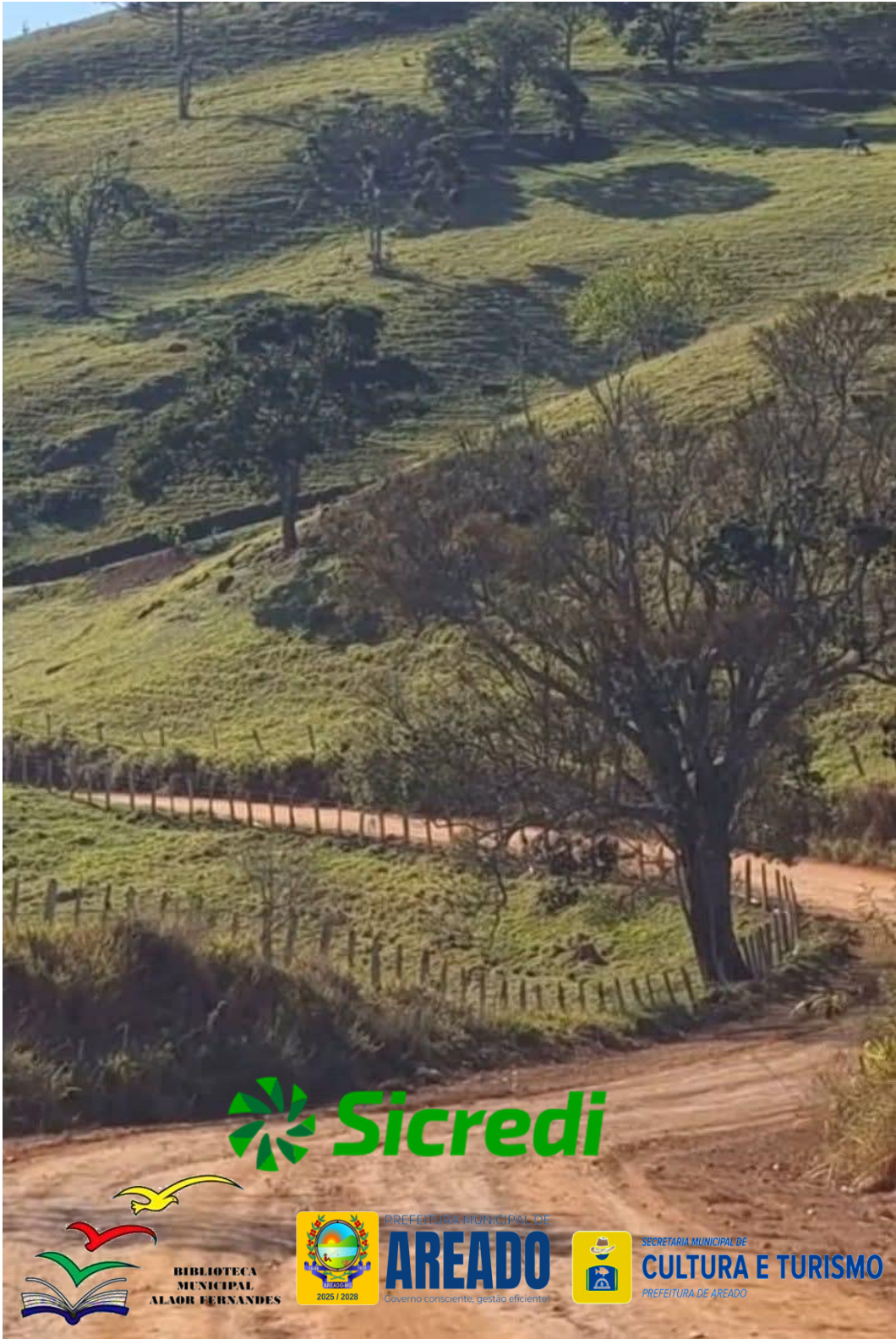
No período das chuvas, as enchentes dos rios Cabo Verde e Muzambo deixavam o Areado ilhado, sem comunicação para os municípios vizinhos.

Certa ocasião houve uma convocação judiciária para diversas pessoas: homens e mulheres. Formou-se, então, uma caravana com muitos cavaleiros. Como bons mineiros e autênticos areadenses, levaram na matula frango virado com farinha de milho, linguiça frita e, para completar, os famosos biscoitões de polvilho da Maria Borges (avó do saudoso prefeito Homero Batista dos Santos). Lá na praça, descansavam e faziam o lanche, quando o magistrado passou por eles, em direção ao Fórum. Iniciada a audiência, não aparecia nenhum dos convocados. O Juiz, um tanto nervoso, chamou o oficial de justiça e ordenou: chame esses “biscoiteiros do Areado”. Calhou bem o apelido e, desde então, o Areadense fica todo orgulhoso e continua apreciando os saborosos biscoitos de polvilho.

Fundaram até uma escola de samba “Biscoiteiros Unidos” que, durante o carnaval, desfilava em Alfenas, onde recebia aplausos e homenagens. Nas camisetas, levavam a grife: “Não basta ser mineiro. Tem que ser biscoiteiro”.

Essa é a história que sei. Agora, por que os Areadenses apelidaram os Alfenenses de “bananeiros” deve ser outro caso...

Dr. Célio Garcia Pereira
Arquivo Museu Municipal “Monsenhor Faria” Areado –
MG



 **Sicredi**



PREFEITURA MUNICIPAL DE
AREADO
Governo consciente, gestão eficiente



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA E TURISMO
PREFEITURA DE AREADO